

Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ
Comunicação Visual Design - EBA/UFRJ

designer+PRETA

por Crístielen Melo

Rio de Janeiro
2023

CIP - Catalogação na Publicação

M528d Marné, Cristielen Camila Silva Melo
designer+PRETA / Cristielen Camila Silva Melo
Marné. -- Rio de Janeiro, 2023.
62 f.

Orientadora: Raquel Ponte.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de
Belas Artes, Bacharel em Comunicação Visual Design,
2023.

1. Designers negras. 2. Design. 3. Feminismo. 4.
UX. 5. Perfil de instagram. I. Ponte, Raquel,
orient. II. Título.

Cristielen Camila Silva Melo Marné

designer+PRETA

Trabalho Conclusão do Curso de Graduação em
Comunicação Visual Design da Escola de Belas Artes da
Universidade Federal do Rio de Janeiro.
Orientação: Raquel Ponte.

Rio de Janeiro
2023


Cristielen Camila Silva Melo Marné

designer+PRETA: rede de mulheres negras no design

Monografia de graduação apresentada à Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Visual Design.

Rio de janeiro, 5 de setembro de 2023.

BANCA EXAMINADORA


Documento assinado digitalmente
 RAQUEL FERREIRA DA PONTE
Data: 11/09/2023 11:39:13-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a. Dra. Raquel Ponte (orientadora)
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Élida de Aquino Batista

Élida Aquino (examinadora)

AfrôBox

Documento assinado digitalmente
 CLORISVAL GOMES PEREIRA JUNIOR
Data: 11/09/2023 10:15:13-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a. Dr. Clorisval Gomes (examinador)
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Agradecimentos

É difícil colocar em palavras tudo que vivi na melhor universidade do país, deve ser por isso que deixei esse capítulo por último. Cursar Comunicação Visual na UFRJ foi um refrigério na minha vida, no momento em que fui aprovada estava passando por um período difícil e a universidade foi um meio de colocar toda a minha energia em um objetivo, um renovo. Foram anos de muita dedicação, estudo, papéis cortados (principalmente no primeiro período), gargalhada entre amigos, afeto e oportunidades.

Mas também não poderia esquecer das noites mal dormidas, crises de enxaqueca, cobranças internas, nervosismo em apresentar trabalhos, correria entre estágio/faculdade e horas de trânsito na linha vermelha (admirei cada pôr do sol). Estou imensamente feliz e realizada por ter chegado até aqui e concluí-la, após anos de pandemia e um noivado/casamento durante o desenvolvimento desse projeto. Sou grata por a "eu" do passado não ter desistido dessa escolha.

Agradeço primeiramente a Deus, por ter permitido trilhar essa jornada e a minha mãe, Paula Melo, minha maior apoiadora, sempre me estimulando a trabalhar com o que eu gosto e encorajando a não desistir dos meus sonhos. Obrigada por todo incentivo na infância sobre criatividade. Em seguida, agradeço ao meu marido, Ariel Marné, pelo apoio e suporte nos projetos acadêmicos (de *filmmaker* a figurante), pela carona até o fundão e compreensão pelo tempo dedicado aos estudos na nossa vida de recém-casados.

Sou grata também pelas pessoas que estiveram no meu caminho durante esse tempo: Karine Reis, chamada carinhosamente de "migona", pelo apoio, momentos compartilhados e por ter sido minha dupla de faculdade. Eric Bernardo e Júlia Pinheiro pelas risadas, saídas e ideias mais inusitadas e difíceis. Rafael Lima, pelas conversas, com você aprendi a valorizar mais a ilustração. Mariana Aupt, pela troca de companhia durante as longas esperas no ponto de ônibus. Dividir com vocês essa etapa longa e na maioria das vezes, difícil, foi mais leve.

Obrigada aos meus amigos de vida: Naiara Bellini, pelo apoio, desabafos acadêmicos e amizade desde a infância. Ronan Lima, pelos ouvidos, conselhos e amizade. Alexander Mendes, por compartilhar o trabalho e me estimular a crescer profissionalmente todos os dias.

Agradeço também àqueles que participaram da minha construção educacional, Ana Cristina de Mattos Cordeiro, diretora da escola em que estudei por longos anos, pelo carinho e por acreditar sempre em seus alunos. Aos professores do Técnico em Design Roberto Meneghini, pelo carinho e incentivo em cursar a universidade. Pedro Barreto e Flauzino pelo apoio e orientação no Teste de Habilidade Específica. Vocês fazem parte disso.

Aqueles que participaram das pesquisas. Ao grupo focal, Andrea, Danielly, Jaqueline, Júlia, Horrana, Bianca, obrigada por separarem um tempo e dividirem suas histórias comigo. Agradeço aos participantes da banca, Clorisval, pela disponibilidade, e cuidado em comentar o projeto e à Élide, pela receptividade por ser uma mulher negra que inspira.

Um mega agradecimento a Raquel Ponte, uma professora excepcional e orientadora desse projeto, compreensiva com meus prazos, pausas e anseios. Você tornou esse processo mais leve e me mostrou o passo a passo. E por último, dedico essa pesquisa a todas as designers negras. Espero que esse projeto influencie outros alunos e pessoas, assim como me influenciou.

Resumo

O designer+PRETA é um trabalho de conclusão de curso de Comunicação Visual Design que visa a criação de um perfil na plataforma Instagram sobre mulheres negras no design a fim de divulgar sua produção, fortalecendo, assim, uma rede unindo design e mulheres negras em um espaço acolhedor e de troca. Para isso, foi desenvolvida uma pesquisa teórica sobre racismo, desigualdade de gênero e um levantamento de designers negras de referência. E compondo a parte prática do projeto, análise de perfis similares, criação do nome, pesquisa de referências, planejamento de conteúdo e a criação de identidade visual do perfil.

Palavras-chave: Designers negras. Design. Feminismo. UX. Perfil de instagram.

Abstract

Designer+PRETA is a work for the completion of a Visual Communication Design course that aims to create a profile on the Instagram platform about black women in design in order to publicize their production, thus strengthening a network uniting design and black women in a welcoming and exchange space. For this, a theoretical research on racism, gender inequality and a survey of reference black designers was developed. And composing the practical part of the project, analysis of similar profiles, name creation, reference research, content planning and creation of the profile's visual identity.

Keywords: Black designers. Design. Feminism. UX. Instagram profile.

Lista de figuras

Figura 1: A Redenção de Cam.....	12
Figura 2: Dorothy E. Hayes.....	16
Figura 3: Cartaz da exposição Black Artist in Graphic Communication.....	17
Figura 4: Censo 2000.....	18
Figura 5: Sinalização do Hospital Presbiteriano de Nova York.....	18
Figura 6: Identidade visual da marca para o American Civil Liberties Union, 2002..	19
Figura 7: Fotografia de Goya Lopes.....	19
Figura 8: Panôs, foto tirada por Cláudio Eugênio.....	20
Figura 9: Toalha de mesa no SENAC.....	21
Figura 10: Goya na campanha Descubra a força de suas raízes.....	21
Figura 11: Ivete Sangalo, na campanha para Grendha.....	22
Figura 12: Fotografia de Hannah Beachler.....	22
Figura 13: Beyoncé em Lemonade.....	23
Figura 14: Hannah no Oscar.....	23
Figura 15: Fotografia de Gail Anderson.....	24
Figura 16: Spread da revista Rolling Stone com Chris Rock, 1997 e Spread da revista Rolling Stone com Foo Fighters, 1995.....	25
Figura 17: Ilustração de Isabelle Dervaux / Ilustração de Pablo Lobato / Escrito por Gail Anderson e desenhado.....	25
Figura 18: Fotografia de Louise E. Jefferson.....	26
Figura 19: Mapa “Americans of Negro Lineage”, 1946. / Pôster “NAACP Fight Now for Action”, 1941./ Pôster “NAACP Birthday Ball”, 1940.....	26
Figura 20: Fotografia de Cheryl D. Miller.....	27
Figura 21: Cartaz de Mae Jemison, para a NASA.....	28
Figura 22: Prints do instagram Think Olga.....	35
Figura 23: Prints do instagram UX para minas pretas.....	36
Figura 24: Prints do instagram Arquitetas negras.....	37
Figura 25: Prints do instagram Mulheres negras decidem.....	37
Figura 26: Tabela comparativa.....	38
Figura 27: Brainstorming de palavras.....	39
Fonte: Acervo pessoal.....	39
Figura 28: Brainstorming do nome.....	40
Fonte: Acervo pessoal.....	40
Figura 29: Planejamento do conteúdo de outubro.....	42
Figura 30: Organização dos conteúdos de outubro.....	43
Figura 31: Moodboard.....	43
Figura 32: Paleta cromática.....	44
Figura 33: Tipografia principal.....	45
Figura 34: Tipografia auxiliar.....	45
Figura 35: Testes logotipo.....	46

Figura 36: Logo do projeto.....	46
Figura 37: Logo aplicada em cor.....	47
Figura 38: Versões coloridas.....	47
Figura 39: Carrossel Goya Lopes.....	48
Figura 40: Carrossel Hannah Brachler.....	48
Figura 41: Carrossel Gail Anderson.....	48
Figura 42: Carrossel Dorothy E. Hayes.....	48
Figura 43: Postagens únicas.....	49
Figura 44: Carrossel apresentação da fundadora.....	49
Figura 45: Carrossel Citação Bell Hooks.....	49
Figura 46: Carrossel Brasil violento.....	49
Figura 47: Carrossel Feminismo negro.....	50
Figura 48: Carrossel sobre representatividade.....	50
Figura 49: Padronagem do feed.....	51
Figura 50: Stories Fica a Dica.....	51
Figura 51: Mockup do feed.....	52
Figura 52: Mockups em bolsa e copo.....	52

Sumário

1. Introdução.....	10
2. Mulheres negras no design.....	11
2.1 Racismo: A carne mais barata do mercado.....	11
2.2 Desigualdade de gênero.....	12
3. Negras no design.....	14
3.1 Designers negras.....	15
3.1.1 Dorothy E. Hayes.....	16
3.1.2 Sylvia Harris.....	17
3.1.3 Goya Lopes.....	19
3.1.4 Hannah Beachler.....	22
3.1.5 Gail Anderson.....	24
3.1.6 Louise E. Jefferson.....	26
3.1.7 Cheryl D. Miller.....	27
3.2 Grupo focal.....	28
3.3 Questionário: Nomes no design.....	30
4. Benchmarking: os perfis no instagram.....	35
4.1 Think Olga.....	35
4.2 UX para minas pretas.....	36
4.3 Arquitetas negras.....	36
4.4 Mulheres negras decidem.....	37
5. O planejamento de conteúdo.....	39
5.1 Naming.....	39
5.2 O perfil.....	40
5.3 Calendário editorial.....	41
6. O desenvolvimento visual.....	43
6.1 Construção visual da marca.....	43
6.2 Paleta cromática.....	44
6.3 Tipografia.....	44
6.4 Logotipo.....	45
6.5 Identidade visual aplicada.....	47
7. Conclusão.....	53
8. Bibliografia.....	54
Anexo.....	57

“Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela”.
Angela Davis, filósofa, escritora e professora

1. Introdução

Desde pequena, estudar na Universidade Federal do Rio de Janeiro é um grande sonho, não só meu, mas da minha mãe também. Sou moradora da Baixada Fluminense do Rio de Janeiro e a primeira da família concluindo o ensino superior. Eu sempre fui uma criança que gostava de colocar a mão na massa, explorar e criar. Durante a época do ensino fundamental, criei um blog, na plataforma blogspot. A partir dele, comecei a produzir conteúdo, escrever e explorar a edição do seu *layout*. No final do ensino médio, ganhei uma bolsa do PRONATEC para estudar no SENAI de Artes Gráficas do Maracanã. Nessa época fazia pré-vestibular de manhã, estudava à tarde na escola e à noite ia para o ensino técnico.

Design sempre foi a minha única opção. Não tinha outra coisa que eu me via fazendo e no SENAI tive a certeza e incentivo dos meus professores para não desistir em meio às dificuldades e inseguranças. O THE (Teste da Habilidade Específica) me assustava, pois não estudei o básico de desenho na escola e o vestibular me assombrava. Fiz um curso de desenho e passei no THE e no ENEM na segunda tentativa.

Fechar esse ciclo realizando um trabalho voltado para a rede social do momento e a mais utilizada por mim é especial, pois há um significado simbólico com a época em que escolhi seguir essa profissão.

Ao longo da graduação, estudamos e aprendemos grandes referências do design brasileiro e internacional, mas, curiosamente, nenhum era negro. Também poucos eram os negros nas turmas de design e na Escola de Belas Artes em geral. Afinal, carreira artística ou design “é pra quem tem dinheiro”. Essa e outras crenças limitantes me fizeram sentir, por muitas vezes, que meu lugar não era ali, que eu não era capaz por não desenhar desde a infância ou não ter um parente na área criativa.

Esses questionamentos me fizeram ter curiosidade em pesquisar, neste projeto, os trabalhos de mulheres negras no design: conhecer esses nomes e rostos, muitas vezes esquecidos, mas tão talentosos e importantes quanto aqueles apresentados ao longo do currículo acadêmico. Com isso, o objetivo tornou-se disseminar esse conhecimento para outras mulheres negras do campo do design, criando assim, uma grande rede de apoio.

A partir dessa curiosidade, a pesquisa se iniciou com o levantamento bibliográfico sobre racismo e a desigualdade de gênero, para entender a raiz do problema e os movimentos de reação, compondo o capítulo 2. Paralelamente, selecionamos biografias de designers negras relevantes ao longo da história, que

estão apresentadas no subitem 3.1, no capítulo 3. Ao longo do processo, houve a necessidade de produzir um grupo focal com 6 designers negras, entre 20 e 30 anos, com perguntas semi-estruturadas para entender a vivência de designers no Brasil e um formulário para identificar o conhecimento desses nomes de referência no design. O resultado do grupo focal foi significativo, pois trouxe mais força para o estudo, com falas muito potentes. Na parte prática, foi realizado o *benchmarking* — análise de conteúdo, estratégia e visual de contas similares no Instagram, apresentado no capítulo 4. A partir disso, iniciamos a criação de planejamento de conteúdo do perfil com as editorias, *naming*, no capítulo 5 e criação de identidade visual com estudos visuais, paleta cromática, logotipo, peças para o *feed* e *stories* e suas aplicações, no capítulo 6.

2. Mulheres negras no design

2.1 Racismo: A carne mais barata do mercado

Apesar de os povos indígenas já viverem no Brasil, aprendemos com os livros didáticos de história que, em 1500, Pedro Álvares Cabral descobriu o território que hoje é chamado de brasileiro. Para explorar os recursos naturais, os portugueses escravizaram os negros africanos, tirando-os de suas terras de origem por meio de navios negreiros. Esse processo de imigração forçada, chamado de diáspora africana, afastou a população negra de seus costumes, religiões, língua nativa, nomes e sobrenomes, causando um apagamento de sua cultura.

Em 13 de maio de 1888, a princesa Isabel assinou a Lei Áurea, que decretou a libertação dos escravos no país. O Brasil foi o último país do Ocidente a abolir a escravidão e não tinha preparado leis que auxiliassem esses ex-escravos para assumir novos trabalhos e suprir as suas necessidades de saúde, de educação e de moradia nesse processo. Sendo assim, ficaram à margem da sociedade sem acesso ao básico.

A partir desse histórico de colonização e exploração, foi construída a ideia de que brancos são superiores, gerando um significado negativo relacionado ao ser negro, devido à sua cor de pele, que ecoa até os dias de hoje. Com o objetivo de embranquecer a população, houve o processo de miscigenação, como tentativa de um criar país mais próspero, com menos negros, a partir das futuras gerações, surgindo assim, os mestiços/mulatos. O quadro abaixo de Modesto Brocos, intitulado *A Redenção de Cam* (1895), ilustra essa ideia de embranquecimento racial. Um homem branco à direita, como marido da mulher mulata ao centro, olha para o menino no colo, seu filho branco. À esquerda, uma mulher negra estende suas mãos ao alto, como forma de gratidão à Deus por seu neto ter nascido branco.

Figura 1: A Redenção de Cam



Fonte: *edUSP*. Disponível em:

<<https://www.edusp.com.br/mais/a-tela-a-redencao-de-cam-e-a-tese-do-branqueamento-no-brasil/>>. Acesso em 18/02/2023, às 12:21.

O conceito de racismo consiste na discriminação do outro a partir de sua cor de pele ou traços que remetam à origem africana. Atualmente, no século XXI, as pessoas negras ainda sofrem as consequências dessa história, pela construção de arquétipos preconceituosos na sociedade, que consideram o homem negro violento, criminoso, vagabundo e hipersexualizado. Também há o estereótipo de que toda mulher negra é agressiva e raivosa, deve sambar e seu corpo com curvas é objetificado e inferior aos corpos brancos. Um negro sem conexão com a sua ancestralidade incorpora esses estereótipos criados pela sociedade e os utiliza para expressão de sua masculinidade e feminilidade.

O racismo constitui todo um complexo imaginário social que a todo momento é reforçado pelos meios de comunicação, pela indústria cultural e pelo sistema educacional. Após anos vendo telenovelas brasileiras, um indivíduo vai acabar se convencendo de que mulheres negras têm uma vocação natural para o trabalho doméstico, que a personalidade de homens negros oscila invariavelmente entre criminosos e pessoas profundamente ingênuas, ou que homens brancos sempre têm personalidades complexas e são líderes natos, meticolosos e racionais em suas ações. E a escola reforça todas essas percepções ao apresentar um mundo em que negros e negras não têm muitas contribuições importantes para a história, literatura, ciência e afins, resumindo-se a comemorar a própria libertação graças à bondade de brancos conscientes. (ALMEIDA, 2019, p.40-41)

2.2 Desigualdade de gênero

O movimento feminista batalhou pela propagação de ideias que visavam abolir as desigualdades que as mulheres enfrentavam. Nesse sentido, a luta do movimento feminista era para que a mulher deixasse de estar em função do homem

para se tornar também um ser individual, independente e protagonista da sua própria história (ABADE, 2019, p. 1).

A luta das mulheres por equidade e respeito na sociedade é antiga e com o passar dos anos garantiu muitos direitos que temos hoje no Brasil. Em 1827 meninas foram liberadas para frequentarem a escola. Em 2019, as mulheres brasileiras já eram maioria quando se trata do acesso à formação superior – 25% das mulheres no País ingressam nas universidades, enquanto o percentual de homens é de apenas 18% (segundo relatório Education of Glance 2019, divulgado pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico).

Ainda assim, quando mulheres negras ultrapassam a barreira e chegam na carreira acadêmica, são subestimadas, tendo suas vozes ofuscadas e menosprezadas por serem mulheres e negras. Segundo Hooks, a respeito da diferença de ambiente entre a faculdade só de mulheres e Stanford University, "Faltava força e confiança na voz delas. E para piorar as coisas, professores homens nos diziam repetidas vezes que não éramos tão inteligentes quanto os homens, que não poderíamos ser 'grandes' pensadoras, escritoras e por aí vai" (HOOKS, 2022, p. 33).

As mulheres brasileiras conquistaram o direito ao acesso às faculdades em 1879 e o direito ao voto em 1932 garantido pelo primeiro Código Eleitoral. Até 1962 as esposas precisavam de autorização de seus maridos para trabalharem fora. Foi apenas em 1988 que as mulheres passaram a ser vistas pela legislação brasileira como iguais aos homens e mesmo assim as mulheres pretas continuam na base da desigualdade de renda no Brasil.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2018), elas receberam 44% do salário dos homens brancos, ou seja, menos da metade. O estudo também afirma que apenas 29,9% dos cargos de gerência são exercidos por pessoas negras. Independente do nível de escolaridade, pretos continuam recebendo menos que os brancos no país.

Algumas pessoas me perguntam: "Por que usar a palavra 'feminista'? Por que não dizer que você acredita nos direitos humanos, ou algo parecido?" Porque seria desonesto. O feminismo faz, obviamente, parte dos direitos humanos de uma forma geral — mas escolher uma expressão vaga como "direitos humanos" é negar a especificidade e particularidade do problema de gênero. Seria uma maneira de fingir que as mulheres não foram excluídas ao longo dos séculos (ADICHIE, 2015, p.49-50).

Durante o Feminismo de Segunda Onda, período caracterizado por fomentar discussões sobre sexualidade, gênero, sexismo, direitos reprodutivos e sociais em 1960, emergia o movimento feminista negro nos Estados Unidos. Essa vertente

surgiu porque, segundo Angela Davis, em seu livro "Mulheres, Raça e Classe (1981)", os movimentos feministas até então possuíam um viés racista e elitista. Deste modo, favoreciam e beneficiavam as mulheres brancas.

A questão principal dessa convenção era a iminente extensão do direito de voto aos homens negros — e se as pessoas que defendiam os direitos das mulheres estavam dispostas a apoiar o sufrágio negro mesmo se as mulheres não obtivessem tal direito ao mesmo tempo. Elizabeth Cady Stanton e outras mulheres acreditavam que, como a emancipação havia, a seus olhos, "igualado" a população negra às mulheres brancas, o voto tornaria os homens negros superiores a elas. Por isso, se opunham ferrenhamente ao sufrágio negro. Ainda assim, havia quem entendesse que a abolição da escravidão não extinguiu a opressão econômica sobre a população negra, que, portanto, necessitava particular e urgentemente de poder político. (DAVIS, 2016, p. 90)

Do mesmo modo aconteceu no Brasil. As mulheres brancas lutavam por igualdade de direitos civis com os homens brancos, enquanto mulheres negras carregavam o fardo do peso da escravidão. Se o feminismo branco lutava pelas mulheres brancas e os homens negros pelos negros, em ambos não havia um espaço adequado para as pautas das mulheres negras em seu movimento. (ABADE, 2019, p. 3).

Para suprir a necessidade das mulheres pretas viabilizarem as suas pautas - interseccionalidade e questões raciais -, no final da década de 1970 foi criado o Movimento de Mulheres Negras (MMN), marco do Feminismo Negro no Brasil, que promoveu o entendimento dos demais movimentos sobre a importância dos recortes raciais e de gênero nas mobilizações de direitos humanos.

A partir disso, houve uma atenção maior na produção de conteúdos dedicados a discussões de raça e classe, com o intuito de sair da zona de conforto que o ativismo branco defendia. Angela Davis, Lélia Gonzalez, Djamilia Ribeiro, Sueli Carneiro, Chimamanda Ngozi Adichie, Bell Hooks são alguns dos grandes nomes que abordam esses temas, disseminando conscientização e a possibilidade desse conhecimento chegar até nós.

3. Negras no design

Na reportagem de Cheryl Miller para a "Magazine - Black Designers: Missing in Action" (1987), a autora destaca razões pelas quais os designers negros sofrem pela falta de visibilidade: Limitação financeira, hostilidade familiar, falta de representatividade, falta de mentoria e baixa autoestima. Apesar de o artigo ser de uma designer americana na década de 1980, podemos perceber, no ano de 2023, que essas razões continuam sendo pertinentes, não só nos Estados Unidos, como no Brasil.

No Top 10 do RUF (Ranking universitário Folha), foram mapeados 40 cursos mais frequentados no ensino superior *versus* a porcentagem de negros nesses cursos. O curso de design é o 25º mais frequentado, com apenas 22% de alunos negros. Com isso, entende-se que o número de referências negras ou femininas negras é equivalente ao baixo índice de pessoas negras em cursos superiores em design.

Ao longo da pesquisa, enquanto procurava por mulheres criativas negras, encontrei algumas dificuldades. Havia poucos artigos sobre essas mulheres e os que existem continham poucas informações sobre suas vidas. Com uma busca mais aprofundada, encontrei conteúdo em redes sociais como o twitter, LinkedIn, Medium, além de conteúdos em inglês no Google.

Ao ler as biografias dessas mulheres que fizeram história, me questionei por que essas informações estão escondidas ou por que só aparecem em um texto especial de dia da Consciência Negra. Além de serem nossos antepassados, são referências para as próximas gerações se identificarem. Segundo a psicóloga Marlene Oliveira (2018), quando uma etnia ou cultura é desvalorizada, desconsiderada ou mesmo ocultada, fica muito difícil se reconhecer como ser desejante.

3.1 Designers negras

Em paralelo com a pesquisa sobre racismo e desigualdade de gênero, buscamos por nomes de mulheres negras relevantes no campo do design. O curso extracurricular "Negritude no fio da História do Design", ministrado por Rodrigo Rosm possibilitou o primeiro contato com nomes de mulheres negras no design. A partir disso, ampliamos a lista com base em pesquisas na internet.

Em seguida, escolhemos sete nomes com biografias interessantes e que precisam ser destacados pelo seu trabalho e sua trajetória, como ponto de partida para o conteúdo do Instagram: Dorothy E. Hayes, Sylvia Harris, Goya Lopes, Hannah Beachler, Gail Anderson, Louise E. Jefferson e Cheryl D. Miller. São mulheres negras, que, de alguma forma, trazem representatividade em seus trabalhos e deixaram sua marca no design, mas não são tão conhecidas como desejamos.

3.1.1 Dorothy E. Hayes

Figura 2: Dorothy E. Hayes



Fonte: AIGA Upstate New York. Disponível em <https://www.facebook.com/106726149227/posts/dorothy-hayes-1935-2015-was-an-nyc-based-graphic-designer-after-moving-there-fro/10158161249279228/>. Acesso em 27/11/2022, às 17:50.

Dorothy E. Hayes foi uma designer gráfica e professora. Nasceu em Mobile, em Alabama, em 1935 e faleceu em 2005. Se mudou para Nova Iorque, frequentou a *Cooper Union School of Art* e o *New York Institute of Advertising*. Sua vida foi dedicada a investir e ajudar a promover designers e artistas negros.

Sua carreira começou em uma conhecida emissora, onde ela não tinha permissão para trabalhar em nenhuma posição criativa. Mais tarde, ela abriu sua própria empresa comercial de arte e design - *Dorothy's Door*, que fornecia serviços para clientes como *CBS Radio* e AT&T. Ela também ensinou design no *New York City College of Technology*.

Hayes prometeu ser uma mentora para qualquer negro da área criativa que a procurasse em busca de conselhos e informações sobre a indústria. Ficou conhecida por organizar o "*Black Artists in Graphic Communication*", exposição que divulgou 49 jovens designers gráficos negros lançada em 8 de janeiro de 1970 e logo depois, em abril, a mostra viajou por faculdades nos Estados Unidos e Canadá.

Figura 3: Cartaz da exposição Black Artist in Graphic Communication



Fonte: RUFFINS, Reynold. *Digital Commons @ Risd*. Disponível em <<https://digitalcommons.risd.edu/risdposters/203/>>. Acesso em 27/11/2022, às 17:28.

3.1.2 Sylvia Harris

Figura 3: Fotografia de Sylvia Harris



Fonte: *SEGD*. Disponível em <<https://segd.org/2021-segd-fellow-sylvia-harris>>. Acesso em 11/12/2022, às 17:46.

Sylvia Harris (1953-2011), nasceu em Richmond, Virgínia. Foi uma Designer gráfica, com foco em Design social e professora de design gráfico na Escola de Artes Visuais, *Cooper Union* e *Purchase College*, orientou alunos como membro do corpo docente de Yale e também atuou no Comitê Consultivo de Selos dos Cidadãos do Serviço Postal dos Estados Unidos.

Seu interesse pelo design começou quando estudava com Philip B. Meggs na *Virginia Commonwealth University*. Depois, se mudou para Boston, trabalhou com arquitetos e começou a abrir seus olhos para a diversidade da prática do design

gráfico. Sua experiência como mulher negra durante a segregação racial na década de 1960 criou um forte senso de justiça social e um propósito para ajudar outras pessoas que foram privadas de direitos pelos sistemas sociais.

Ela foi uma defensora do bom design para pessoas reais - uma Designer Cidadã - reconhecida por seu compromisso em melhorar a experiência cívica por meio do design.

Na sua empresa Sylvia Harris LLC, em 1994, orientou alguns dos maiores hospitais, criando planos mestres de informações para o hospital, projetados para melhorar a comunicação com os pacientes.

Em 2000, como diretora criativa do *United States Census Bureau*, ela foi a responsável por redesenhar o Censo de 2000, que foi distribuído para 80 milhões de domicílios, com o intuito de aumentar a participação e a conscientização pública sobre a marca.

Figura 4: Censo 2000



Fonte: SEGD. Disponível em <<https://segd.org/2021-segd-fellow-sylvia-harris>>. Acesso em 11/12/2022, às 18:02.

Figura 5: Sinalização do Hospital Presbiteriano de Nova York



Fonte: SEGD. Disponível em <<https://segd.org/2021-segd-fellow-sylvia-harris>>. Acesso em 11/12/2022, às 18:01.

Figura 6: Identidade visual da marca para o American Civil Liberties Union, 2002

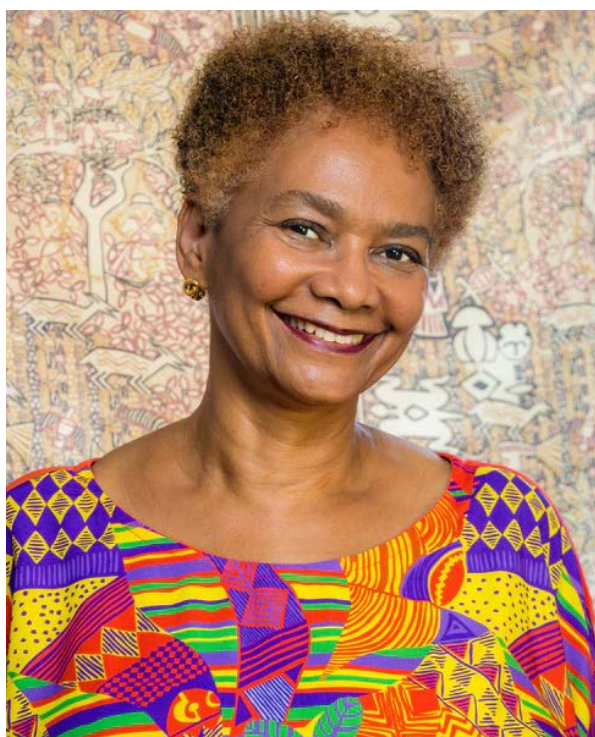


Fonte: SEGD. Disponível em <<https://segd.org/2021-segd-fellow-sylvia-harris>>. Acesso em 11/12/2022, às 18:01.

Em abril de 2014, Harris recebeu a maior honra e o prêmio mais distinto da AIGA (Instituto Americano de Artes Gráficas), a Medalha AIGA. Sylvia Harris é lembrada como uma pioneira de inspiração vital para o campo do design social. Após sua morte prematura, o AIGA estabeleceu o *Sylvia Harris Citizen Design Award* para homenagear sua dedicação ao campo do design de impacto social.

3.1.3 Goya Lopes

Figura 7: Fotografia de Goya Lopes



Fonte: *Goya Lopes design brasileiro*. Disponível em <<https://goyalopes.com.br/blogs/designer>>. Acesso em 02/04/2023, às 16:54.

Goya Lopes é baiana, empresária, artista e designer. Nasceu em 7 de maio de 1954, de Salvador, Bahia. Seu trabalho é uma mistura da cultura afro-brasileira,

indígena e barroca. Um dos temas mais recorrentes em seu trabalho é a Bahia, representada por alegria, paixão pela vida e ancestralidade.

Goya se formou na Escola de Belas Artes da Universidade da Bahia, se especializou em Design, Expressão e Comunicação Visual na *Università Internazionale Dell'Arte di Firenze*, na Itália. Tendo lá, seu primeiro contato com a moda. Assim, ao voltar para o Brasil passou a trabalhar como freelancer. Criou estampas, realizou cursos de Design de moda em São Paulo e criou sua empresa Didara em 1986, que depois se tornou Goya Lopes design brasileiro.

Em 1998, ela foi convidada pelo Ministério das Relações Internacionais do Governo Federal para produzir dois panôs para a posse do presidente Fernando Henrique Cardoso. No qual, é usado estampas sobre cultura, formação do nosso povo e a miscigenação. Hoje, esses trabalhos fazem parte do acervo do Itamaraty e compõem a decoração da sala San Tiago Dias, no Palácio do Itamaraty.

Figura 8: Panôs, foto tirada por Cláudio Eugênio



Fonte: EUGÊNIO, Cláudio. *Goya Lopes Design brasileiro*. Disponível em <https://goyalopes.com.br/blogs/design_brasileiro>. Acesso em 27/11/202, às 14:15.

Goya também realizou trabalho para o Senac da Bahia, criou as estampas das toalhas de mesa do restaurante que fica no Largo do Pelourinho.

Figura 9: Toalha de mesa no SENAC



Fonte: *Goya Lopes Design brasileiro*. Disponível em <https://goyalopes.com.br/blogs/design_brasileiro>. Acesso em 27/11/202, às 14:15.

Além disso, participou da criação de estampas da campanha “Descubra a força de suas raízes” da coleção da linha Grendha, assinada por Ivete Sangalo em 2019. Homenageando a cultura da cantora, exaltando a brasilidade e a celebração da sua trajetória.

Figura 10: Goya na campanha Descubra a força de suas raízes



Fonte: *Grandes nomes da propaganda*. Disponível em <<https://grandesnomesdapropaganda.com.br/anunciantes/ivete-sangalo-estrela-campanha-para-grendha/>>. Acesso em 27/11/202, às 15:00.

Figura 11: Ivete Sangalo, na campanha para Grendha



Fonte: *Grandes nomes da propaganda*. Disponível em <https://grandesnombresdapropaganda.com.br/anunciantes/ivete-sangalo-estrela-campanha-para-grendha/>. Acesso em 27/11/2022, às 15:00.

3.1.4 Hannah Beachler

Figura 12: Fotografia de Hannah Beachler



Fonte: *Afrofuturismo*. Disponível em <https://afrofuturismo.com.br/inovacao/conheca-hannah-beachler-a-diretora-de-arte-ganhadora-do-oscar-pelo-filme-pantera-negra/>. Acesso em 27/11/2022, às 14:38.

Hannah Beachler nasceu em 14 de agosto de 1970, é diretora norte americana, formada em cinema pela Wright State, nos Estados Unidos. Conhecida por trabalhar em filmes como *Pantera Negra*, *Moonlight* e no especial para televisão do álbum *Lemonade*, da Beyoncé. Ganhou o Oscar de melhor direção de arte em 2019, por *Pantera Negra*, sendo a primeira negra que ganhou esse prêmio nessa categoria. Além disso, também ganhou *DG Excellence in Production Design Awards*, em 2017, pelo musical *Lemonade*.

Figura 13: Beyoncé em Lemonade



Fonte: *Tracklist*. Disponível em <https://tracklist.com.br/beyonce-colocou-lemonade-no-spotify-mas-por-que-so-agora/69534>. Acesso em 28/05/2023, às 10:31.

Figura 14: Hannah no Oscar



Fonte: *Veja*. Disponível em <https://veja.abril.com.br/cultura/hannah-beachler-se-torna-primeira-negra-a-ganhar-oscar-de-direcao-de-arte/>. Acesso em 28/05/2023, às 10:35.

3.1.5 Gail Anderson

Figura 15: Fotografia de Gail Anderson



Fonte: COX, Darren. *Design week*. Disponível em <<https://www.designweek.co.uk/issues/april-2013/four-corners-an-interview-with-gail-anderson/>>. Acesso em 12/11/2022, às 19:35.

Gail Anderson é designer gráfica, educadora e escritora de Nova Iorque. Usa a tipografia como elemento gráfico em suas peças. Seu trabalho tem foco em design editorial.

Ela nasceu em 1962, sua família migrou da Jamaica para Bronx, Nova Iorque e foi a primeira universitária da sua família. Também foi a primeira mulher afro-americana a ganhar o prêmio nacional de design pela *Lifetime Achievement* do *American National Design Awards* do *Smithsonian Design Museum* em 2018.

Formou-se na *School of Visual Arts*, em Nova Iorque. Em 1987, começou a trabalhar na revista *Rolling Stone*, onde ficou por 15 anos. Junto com Fred Woodward construíram o estilo eclético da revista.

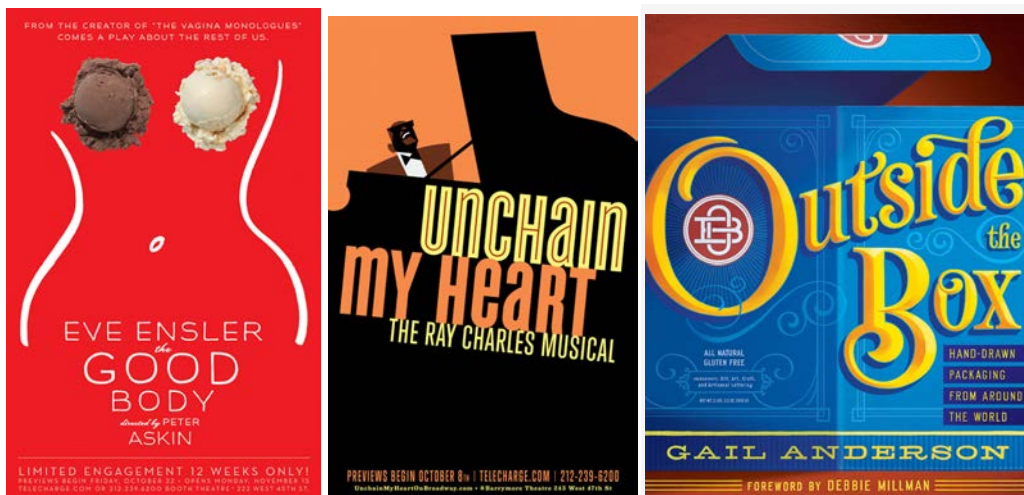
Figura 16: Spread da revista Rolling Stone com Chris Rock, 1997 e Spread da revista Rolling Stone com Foo Fighters, 1995



Fonte: RIBEIRO, Guilherme. *Design week*. Disponível em <<https://brasil.uxdesign.cc/um-pecado-de-omiss%C3%A3o-desequil%C3%ADbrio-imoral-c354bf4ee0c3>>. Acesso em 12/11/2022, às 19:35.

Em 2002, tornou-se diretora criativa de design da *SpotCo* pela sua habilidade com os tipos. Ilustrava cartazes para a produção da Broadway e também escreveu o livro *Outside the box* (2015).

Figura 17: Ilustração de Isabelle Dervaux / Ilustração de Pablo Lobato / Escrito por Gail Anderson e desenhado



Fonte: RIBEIRO, Guilherme. *Design week*. Disponível em <<https://brasil.uxdesign.cc/um-pecado-de-omiss%C3%A3o-desequil%C3%ADbrio-imoral-c354bf4ee0c3>>. Acesso em 12/11/2022, às 19:51.

“Cada vez mais, estou interessado em criar esse conteúdo editorial, tanto quanto em desenhá-lo – o que me interessa é a comunicação por meio do design.”, disse Anderson em uma entrevista de 2019 para a Invision. Sua filosofia é “o processo tem que ser divertido e você precisa estar disposto a sair da sua zona de conforto”.

Anderson é membro do corpo docente da *School of Visual Arts* no departamento *Designer as Author MFA*, onde também leciona cursos de pós-graduação, graduação e pré-universitários em design gráfico.

3.1.6 Louise E. Jefferson

Figura 18: Fotografia de Louise E. Jefferson



Fonte: RIBEIRO, Guilherme. *Design week*. Disponível em <<https://brasil.uxdesign.cc/um-pecado-de-omiss%C3%A3o-desequil%C3%ADbrio-imoral-c354bf4ee0c3>>. Acesso em 28/12/2022, às 20:33.

Louise E. Jefferson (1908-2002) foi uma designer editorial, cartógrafa e fotógrafa. Foi a primeira afro-americano a ocupar o cargo de diretora na indústria editorial. Ela aprendeu seu ofício com o seu pai, um calígrafo. Ela se formou pela Escola de Belas Artes no *Hunter College*, em Nova Iorque, onde tornou-se integrante ativa da comunidade artística.

Em 1936, Jefferson ilustrou o livro de canções *We Sing America*, que continha imagens de crianças negras e brancas juntas. O material foi banido e queimado no estado da Geórgia pelo seu governador.

Figura 19: Mapa “Americans of Negro Lineage”, 1946. / Pôster “NAACP Fight Now for Action”, 1941. / Pôster “NAACP Birthday Ball”, 1940



Fonte: RIBEIRO, Guilherme. *Design week*. Disponível em <<https://brasil.uxdesign.cc/um-pecado-de-omiss%C3%A3o-desequil%C3%ADbrio-imoral-c354bf4ee0c3>>. Acesso em 28/12/2022, às 20:34.

3.1.7 Cheryl D. Miller

Figura 20: Fotografia de Cheryl D. Miller



Fonte: *Medium Instituto Hub*. Disponível em <https://medium.com/institutohub/mulheres-em-steam-cheryl-d-miller-e-os-negros-no-design-9571417f5242>. Acesso em 28/12/2022, às 20:45.

Cheryl D. Miller nasceu em 1952, em Washington, nos Estados Unidos de mãe filipina e pai afro-americano, na mesma época dos movimentos civis dos negros e que casamentos antirraciais eram proibidos por lei. Ela é designer gráfica, autora e teóloga.

Começou seus estudos na Escola de Design de Rhode Island, frequentando até o falecimento de seu pai, e em seguida foi transferida para *Maryland Institute College of Art*, onde se formou em 1974. Trabalhou na WTOP-TV9, uma filiada local da NBC. Algum tempo depois trabalhou na WRC-TV e também liderou uma equipe de designers através da criação de recursos de cenografia e estúdio para a estação de televisão pública, WHMM-TV 32 na Universidade de Howard.

Miller estabeleceu uma das primeiras empresas de design de propriedade de mulheres negras na cidade de Nova York em 1984. Criou sua própria empresa em 1997 e um dos seus principais trabalhos foi um cartaz de Mae Jemison, a primeira mulher afro-americana a orbitar no espaço para a NASA.

Figura 21: Cartaz de Mae Jemison, para a NASA



Fonte: *Medium Instituto Hub*. Disponível em <https://medium.com/institutohub/mulheres-em-steam-cheryl-d-miller-e-os-negros-no-design-9571417f5242>. Acesso em 28/12/2022, às 20:46.

No mesmo ano escreveu seu artigo da revista *Print* “*Black Designers: Missing in Action*” (em português, “Designers negros perdidos em ação”) no qual aborda as dificuldades enfrentadas no mercado de design, desde a falta de apoio da família, o custo para se cursar faculdades e escolas de arte, o ambiente competitivo e a ausência da figura de mentor profissional.

Uma série de dificuldades se apresenta. Para se qualificar, os negros precisam superar uma série de obstáculos que vão da hostilidade familiar à escolha de sua carreira, recursos financeiros limitados para adquirir uma educação adequada e a escassez de mentores capazes de fornecer orientação e oportunidades de emprego depois que a educação for concluída. (MILLER, 1987)

Foi membro da primeira Força-Tarefa Minoritária da AIGA presidida por John Morning, que organizou o simpósio “Por que o Design é 93% Branco”.

3.2 Grupo focal

Em busca de entender a falta de representatividade que Cheryl Miller cita, expresso anteriormente, foram realizados 2 grupos focais por meio de perguntas semi-estruturadas com 6 designers negras na faixa de 20 a 30 anos com questionamentos sobre influência e apoio familiar na escolha da carreira, pertencimento, mentoria e se elas conheciam alguma das 7 designers negras de referência apresentadas no capítulo 3. Os encontros aconteceram via google meet, nos dias 14/03/2023, às 19h e 23/04/2023, às 13h.

As participantes foram: Andrea, 26 anos, formada em Comunicação Visual pela UFRJ, pós-graduanda em Design instrucional e atualmente moradora de Vicente de Carvalho (RJ); Danielly, 23 anos, formada em Comunicação Visual pela UFRJ e atualmente moradora de Cascadura (RJ); Jaqueline, 27 anos, formada em Design pela ESPM e pós-graduanda em *User Experience* e atualmente moradora de

Porto alegre (RS); Horrana, 28 anos, formada em Design na USP e atualmente moradora de São Paulo (SP); Bianca, 25 anos, formada em Comunicação Visual pela UFRJ e atualmente moradora de Realengo (RJ); Júlia, 25 anos, formada em Comunicação Visual pela UFRJ e atualmente moradora de São Paulo (SP).

Com esses encontros, pude concluir que apenas uma delas teve uma influência familiar direta na área, pois seu irmão já era formado em publicidade. As outras não tinham vivência por meio dos pais com carreiras envolvendo artes ou cultura, o que é mais comum para pessoas brancas. Bianca foi a primeira a concluir a graduação da sua casa. No geral, elas tiveram apoio familiar, mesmo seus pais não entendendo muito bem a profissão de designer por falta de informação, mas sempre com preocupação financeira sobre a estabilidade dessa carreira. Andrea menciona a questão da infantilização da profissão, "design não é coisa de adulto, é coisa de criança".

A etapa da universidade foi difícil para todas. Tanto por questões socioeconômicas, como também pela distância de casa até a faculdade, pela cor da pele e por ser mulher. Elas identificaram que faltam muitas mulheres negras no espaço em que ocupam. Muitas vezes olham ao redor e se veem sozinhas como a única mulher negra ali, seja em instituições públicas ou privadas. Jaqueline sempre foi a única aluna negra da turma durante a sua graduação, estudando em faculdade particular. "Teve um período em que tranquei a faculdade por questões financeiras e depois voltei com FIES. Tive um afro-surto, repensei as relações lá dentro". Bianca lembra que não teve um professor negro ao longo da sua graduação.

Sobre o mercado de trabalho, elas sentem uma das formas do racismo estrutural: desigualdade salarial. Horrana cita seu caso, "Eu era líder e fazia muitas funções, ganhei um Burnout. Um homem branco que acabou de entrar na empresa ganhava o dobro do meu salário. Questionei, revisaram isso na hora. Mas mesmo assim, para eu ser vista como importante na empresa, tinha que entregar muito mais". Bianca mencionou que só entrou nas vagas em que aplicou por indicação e não por uma seleção aberta a todos, mais uma forma do racismo estrutural. Ela e Horrana reforçaram, ao longo da conversa, como é importante construir contatos na área do design, principalmente se você vem de baixo. Isso possibilitou a Horrana estar em um ambiente de trabalho mais saudável, que faça sentido com aquilo que ela acredita.

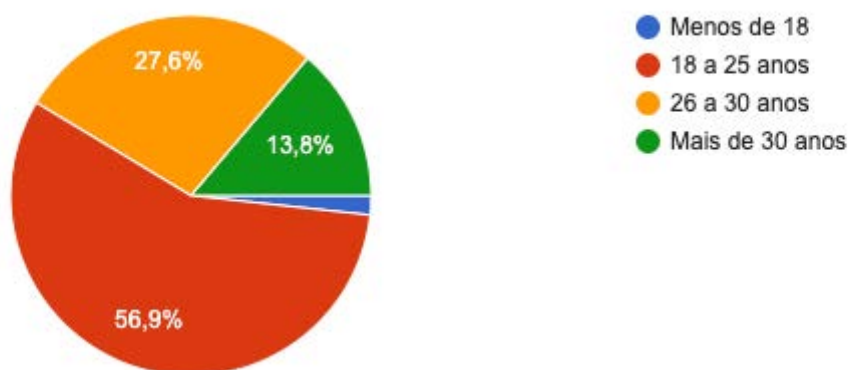
Nenhuma das participantes teve uma mentoria direta, uma pessoa que as impulsionou. Danielly se apoiou muito em um grupo de amigos negros que ingressaram juntos com ela na graduação e que continuam se apoiando até hoje. Outras tiveram bons gestores ao longo dos estágios que indicaram e acreditaram no seu potencial.

Sobre as designers de referência apresentadas, elas conheciam em média 3 das 7 mulheres. Em geral, conheceram no final da graduação, por curiosidade já que faltavam referências negras, ou em curso particular sobre o tema.

3.3 Questionário: Nomes no design

Para entender melhor o quanto as designers pesquisadas são de conhecimento e referência de outros designers, para além do grupo focal, realizei um questionário online e anônimo, aplicado do dia 11 de abril a 03 de maio de 2023 e divulgado por meio de grupos de faculdade e curso de design no Facebook e WhatsApp, obtivemos 58 respostas. Dividido em duas seções, inicia com perguntas fechadas socioeconômicas e na segunda parte, perguntas mais específicas sobre as designers apresentadas anteriormente. Além disso, para sugestões de novos nomes, perfis ou coletivos, adicionamos perguntas abertas. Para melhor visualização das perguntas, o formulário está em anexo.

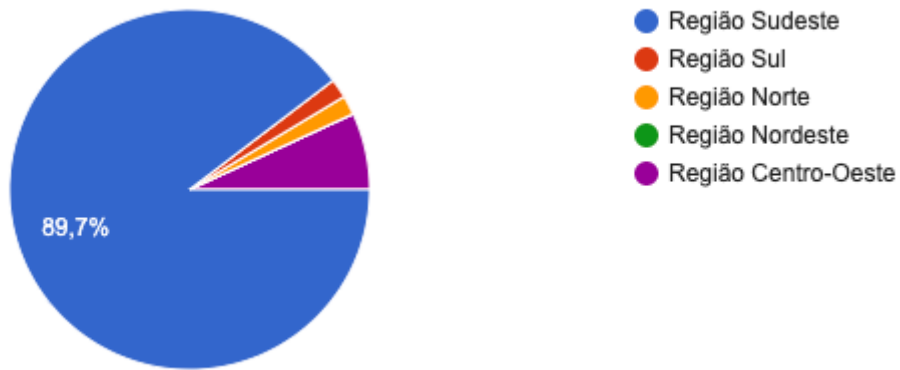
Gráfico 1: Gráfico por idade



Fonte: Acervo pessoal

Com o formulário, obtive 58 respostas. 56,9% dos participantes possuem entre 18 a 25 anos de idade, 27,6% entre 26 a 30 anos, 13,8% mais de 30 anos e 1,7% possuem menos de 18 anos.

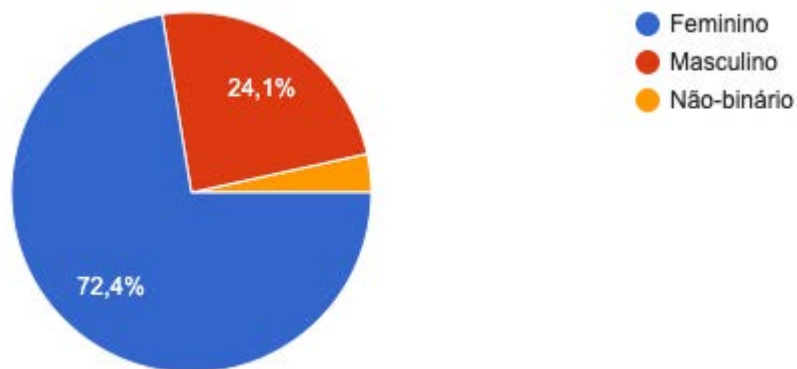
Gráfico 2: Gráfico por região do Brasil



Fonte: Acervo pessoal

89,7% dos participantes moram atualmente na Região Sudeste do Brasil, 6,9% moram na região Centro-Oeste, 1% moram na Região Norte e 1% moram na Região Sul.

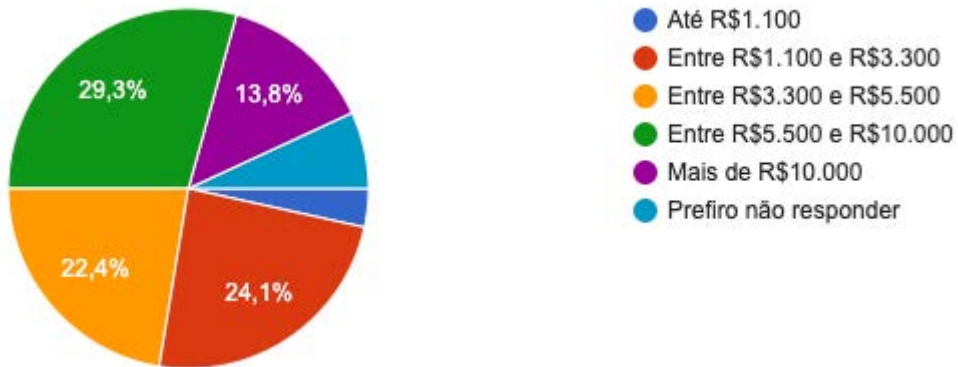
Gráfico 3: Gráfico por gênero



Fonte: Acervo pessoal

72,4% dos participantes são do gênero feminino, 24,1% são do gênero masculino e 3,4% são do gênero não-binário.

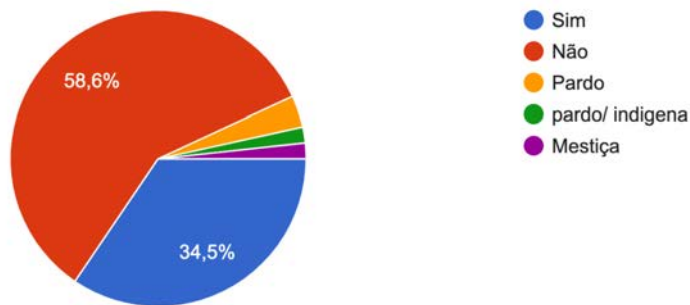
Gráfico 4: Gráfico por renda familiar



Fonte: Acervo pessoal

29,3% possuem renda familiar entre R\$5.500 e R\$10.000, 24,1% entre R\$1.100 e R\$3.300, 22,4% entre R\$3.300 e R\$5.500, 13,8% possuem renda familiar maior que R\$10.000, 3,4% até R\$1.100 e 6,9% preferiram não responder essa pergunta.

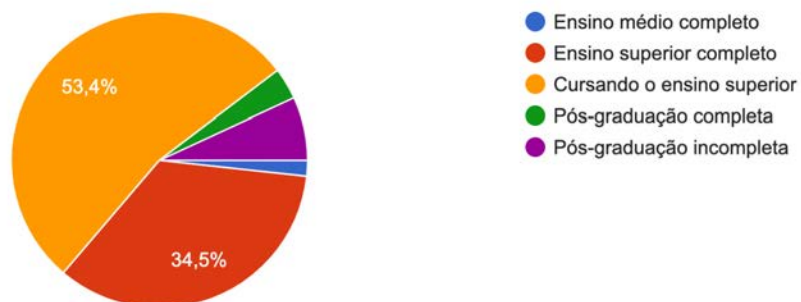
Gráfico 5: Gráfico por se considerar negro



Fonte: Acervo pessoal

A maioria dos participantes se considera branco, 58,6% não se consideram negros. 34,5% se consideravam negros, mas tiveram algumas respostas na opção "outros" como pardo/mestiça: 2% pardo, 1% mestiça e 1% pardo/indígena.

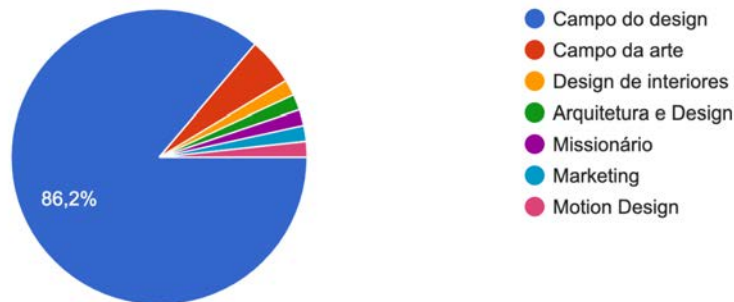
Gráfico 6: Gráfico por nível de escolaridade



Fonte: Acervo pessoal

A maior parte dos participantes é estudante, 53,4% estão cursando o ensino superior. 34,5% possuem o ensino superior completo, 6,9% possuem a pós-graduação incompleta, 3,4% possuem a pós-graduação completa e 1,7% possuem o ensino médio completo.

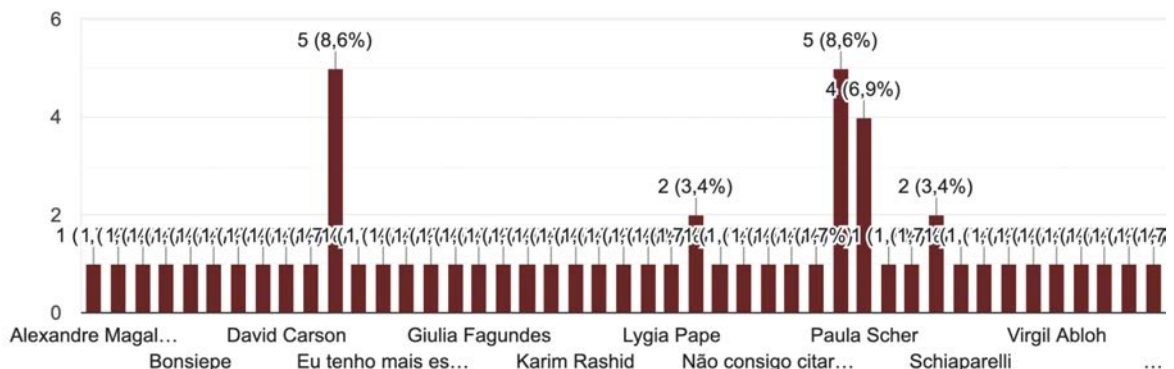
Gráfico 7: Gráfico por campo em que trabalha ou estuda



Fonte: Acervo pessoal

Destacou-se as respostas: 86,2% dos participantes estudam ou trabalham no Campo do design e 5,2% no campo da arte.

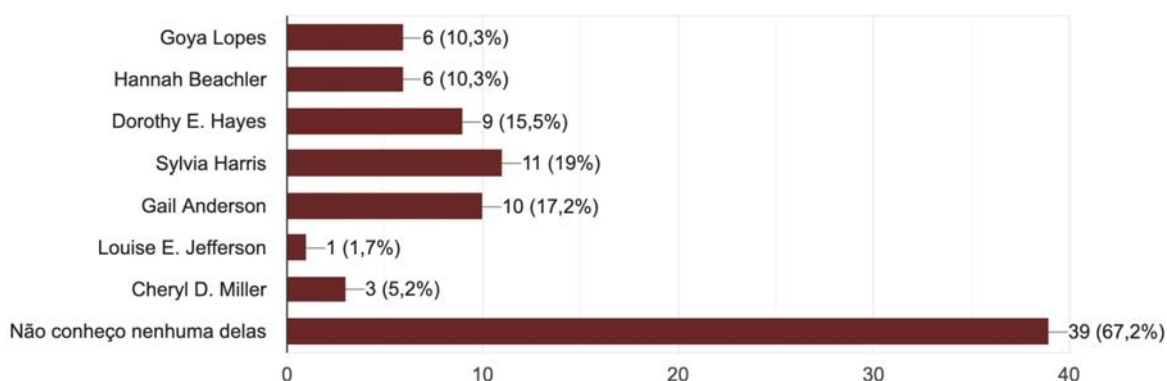
Gráfico 8: Gráfico por designer de referência



Fonte: Acervo pessoal

A pergunta desse gráfico é "Quando falamos sobre um/uma designer de referência, qual é o primeiro nome que vem à sua mente?". 8,6% dos participantes responderam Ellen Lupton ou Paula Cruz. 6,9% responderam Paula Scher. Analisando as respostas, obtive 26 respostas de nomes de mulheres, sendo 22 nomes de designers brancas e 4 designers negras. Já os nomes masculinos, obtive 27 respostas, sendo 23 nomes de designers brancos e 4 nomes de designers negros. É apenas uma amostra do quanto profissionais negros não são vistos como referência.

Gráfico 9: Gráfico por conhecimento das mulheres



Fonte: Acervo pessoal

Em sequência, listei os nomes e fotos das designers, cuja biografia de cada uma será apresentada no capítulo seguinte, com a seguinte pergunta: "Das mulheres abaixo, quais você conhece ou já ouviu falar?". Destacou-se que 67,2% dos participantes não conhecem nenhuma delas. 19% conhecem a Sylvia Harris, 17,2% conhecem a Gail Anderson, 15,5% conhecem a Dorothy, 10,3% conhecem a Goya, 10,3% conhecem a Hannah, 5,2% conhecem a Cheryl e 1,7% conhecem a Louise.

Sobre as designers conhecidas acima, obtive 18 respostas para a pergunta de campo aberto: "Caso você conheça alguma das mulheres acima, onde conheceu ou ouviu falar?". Apenas 4 foram conhecidas em aulas da graduação e 4 a partir de curso extra curricular, design e negritude. Mas a maioria teve contato com esses nomes por meio de pesquisas próprias, conversas, redes sociais e conversas soltas.

Como penúltima pergunta de campo aberta: "Sentiu falta de alguma designer negra nessa lista? Cite aqui." 8 participantes responderam e 4 participantes indicaram nomes não mencionados antes, como Eva Sonaike, Mariana Rodrigues, Lesley Ann Noel, M. Asali.

Por último, a pergunta de campo aberto: "Você conhece coletivos ou perfis que estejam dando ênfase a conteúdos que abordem negritude ou feminismo no campo de design? Qual ou quais? Deixe aqui a sua indicação." A maior parte das respostas não tinham indicação, mas havia o interesse em conhecer. Uma pequena parte dos participantes indicou coletivos e grupos como: Designers negros do Brasil, Grupo Design e Opressão, Designers Negres, Revista rosa, Coletivos malungo (dá luz a profissionais negros), Mayumi watanabe (coletivo de feminista), curso Design e Negritude com Rodrigo Rosm, Where are the Black Designers, Coletivo AUA, Pretux, Cadê os pretos no design? e perfis no instagram: @futuress_org, @_eduribeiro @ethel_leon_ @uendelns @wearemooc.

A conclusão do questionário foi importante para confirmar que esse tema é de extrema importância, reforçando a percepção que quando pensamos em uma referência de design, geralmente não pensamos em nomes de pessoas negras, principalmente mulheres. As designers listadas nesta pesquisa são pouco conhecidas pela maioria dos participantes. Além disso, é perceptível o interesse e a indignação dos participantes em conhecerem pouco sobre designers negras. Sendo assim, a troca por meio de indicações de coletivos, nomes e grupos foi valiosa para ampliar meu repertório e este projeto.

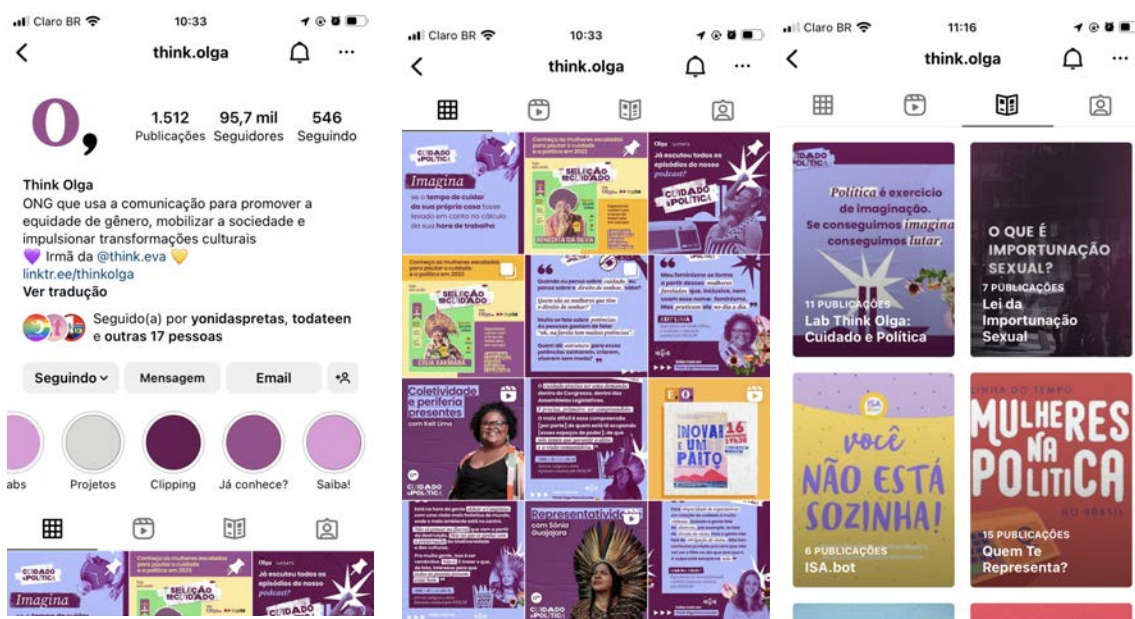
4. Benchmarking: os perfis no instagram

A partir de uma busca pelo instagram, analisei perfis relacionados com os seguintes temas: mulheres, negritude e carreira feminina. O benchmarking consiste em comparar o conteúdo, a visualidade e a estratégia de cada conta apresentada aqui, que visa criar uma rede de mulheres ou de mulheres negras no Instagram.

4.1 Think Olga

Think Olga é uma ONG que fala sobre direito das mulheres, política e sociedade com base em pesquisas e projetos voltados para esses temas desde 2013. Com 95,7 mil seguidores e 1,502 publicações. A conta explora todas as ferramentas fornecidas pelo instagram (*reels*, *feed* e guias), há postagens com regularidade, postagens colaborativas, guias organizadas por assuntos, e postagens que redirecionam para o artigo completo, fazendo um hiperlink, um ponto bem interessante. A identidade visual da grid do *feed* é por série, de acordo com o assunto.

Figura 22: Prints do instagram Think Olga

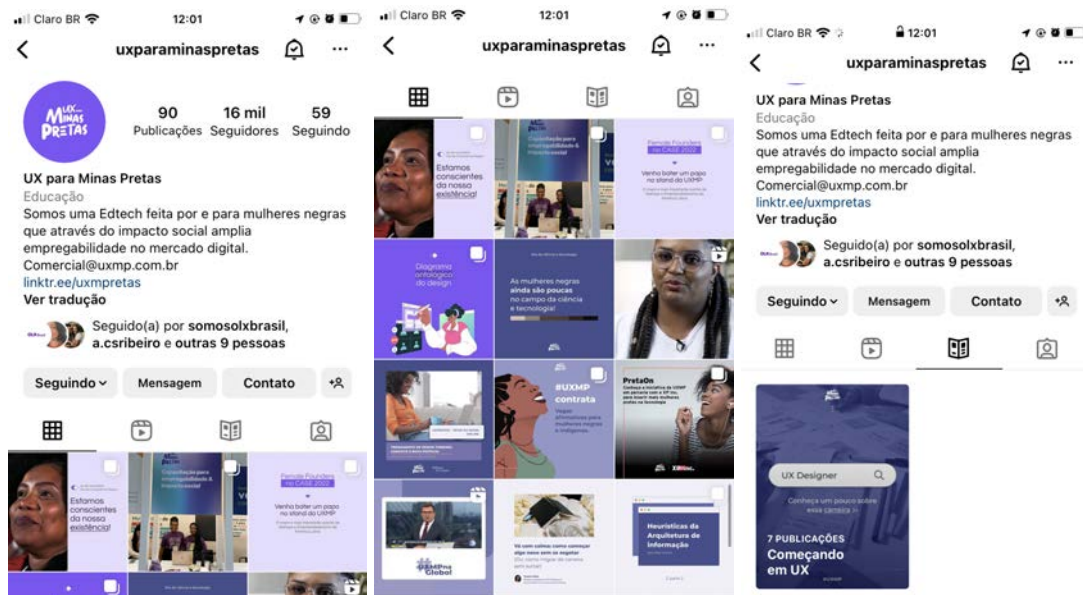


Fonte: Acervo pessoal

4.2 UX para minas pretas

UX para minas pretas é um perfil de educação voltado para capacitar e conectar as mulheres negras com o mercado de trabalho tecnológico e UX desde 2020, atualmente com 16 mil seguidores e 90 publicações. Na sua estratégia, exploram ferramentas como *reels* e *feed*, postagens colaborativas. No conteúdo, há série de vídeos redirecionados para o YouTube. Contém uma identidade visual aplicada no *feed*, usando ilustrações e imagens.

Figura 23: Prints do instagram UX para minas pretas

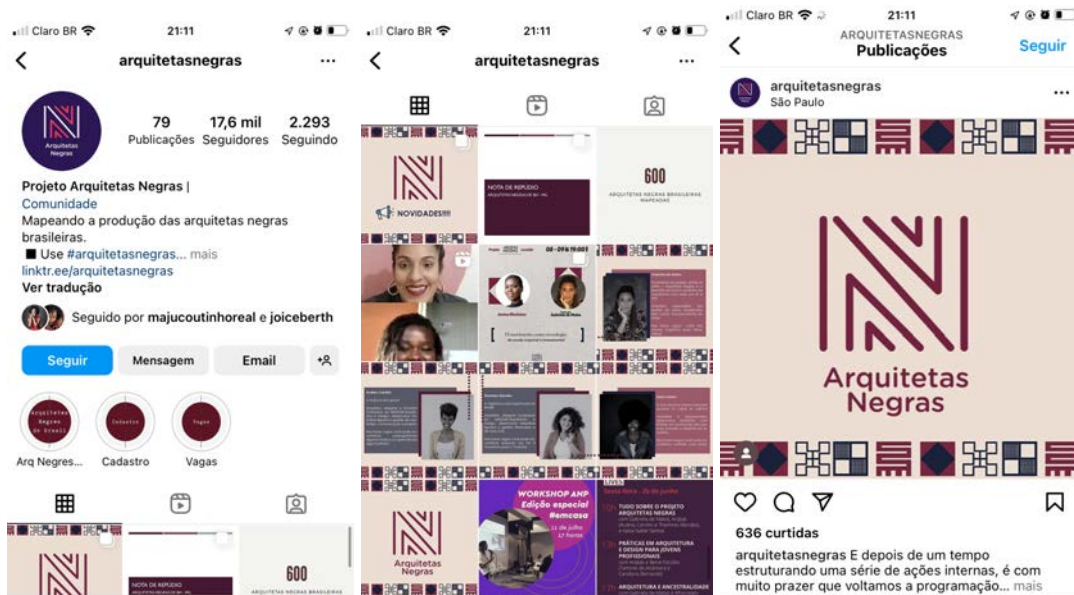


Fonte: Acervo pessoal

4.3 Arquitetas negras

Arquitetas negras é um perfil para mapear a produção das arquitetas negras brasileiras desde 2018, porém pausado desde 2021, com 17.6 mil seguidores e 79 publicações. Como estratégia, produziam *live* com convidadas e o conteúdo não se restringia ao instagram. Também fizeram o lançamento de uma revista "Arquitetas Negras vol1."

Figura 24: Prints do instagram Arquitetas negras

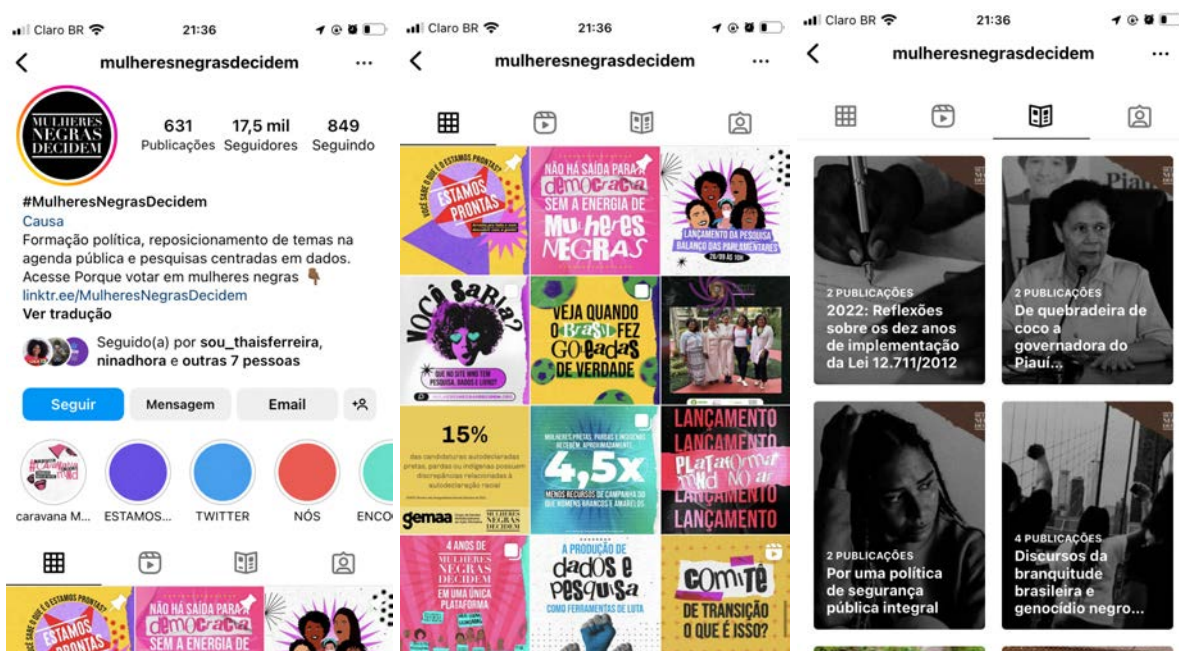


Fonte: Acervo pessoal

4.4 Mulheres negras decidem

Mulheres negras decidem é um perfil sobre formação política, reposicionamento de temas na agenda pública e pesquisas centradas em dados desde 2018, com 17.5 mil seguidores e 631 publicações. Como estratégica, separam o conteúdo em guias, usam a possibilidade de fixar postagens no topo do perfil para serem mais vistas. Seu *feed* segue uma identidade visual, mas com alguns momentos de fuga, usam bastante a tipografia como elemento gráfico, além de grafismos, texturas e elementos diversos para compor as peças.

Figura 25: Prints do instagram Mulheres negras decidem



Fonte: Acervo pessoal

4.5 Tabela comparativa

Figura 26: Tabela comparativa

PERFIS	ESTRATÉGIA	CONTEÚDO	VISUALIDADE
Think Olga	Explora as ferramentas (<i>reels</i> , <i>feed</i> e guias); Postagens com regularidade; Um assunto se desdobra em várias postagens; Utiliza mais o formato Carrossel para <i>feed</i> .	Séries sobre mulheres na política, dia do empreendedorismo, autonomia, direito das mulheres, dados durante a pandemia.	Destaques com tons diferentes; Aplica id. visual no <i>feed</i> ; <i>Grid</i> por série (muda conforme o assunto).
UX para minas pretas	Explora as ferramentas (<i>reels</i> e <i>feed</i>); Utiliza mais o formato Carrossel para <i>feed</i> .	Data comemorativa, vagas, recorte de reportagem e eventos.	Aplica id. visual no <i>feed</i> ; Elementos visuais: imagens e ilustrações; <i>Grid</i> por fileira (3 postagens); Paleta de cor: roxo e azul para tecnologia.
Arquitetas negras	Não explora muitas ferramentas na plataforma; Bio bem explicada; Utiliza mais o formato Carrossel para <i>feed</i> . Postagens sem regularidade, pausado desde 2021.	Apresentação da equipe, série de lives com convidados, posts comemorativos e eventos.	Destaques personalizados; Elementos gráficos roxo, rosa e vinho; Formas geométricas e linhas.
Mulheres negras decidem	Bio bem explicada; 1 a 2 postagens por semana; Utiliza mais o formato Carrossel para <i>feed</i> . Utiliza as guias e destaques para separar os conteúdos.	Fotos, dados, pesquisa, citação, política, democracia.	Aplica id. visual no <i>feed</i> , mas com fugas; Tipografia como elemento gráfico; Grafismos, texturas; Paleta de cor: Roxo, branco, preto, amarelo, vermelho e azul.

Fonte: Acervo pessoal

Analisando os perfis acima, percebi que todos usam de uma maneira ou de outra em sua paleta de cores, a cor rosa e o roxo, uma cor que destaca a pele negra, muito usada em filmes de heróis ou quadrinhos, como em Pantera Negra. Utilizam a identidade visual aplicada ao *feed*, adicionando grafismos, texturas e até mesmo a tipografia como elementos gráficos.

Como conteúdo, no início os perfis costumam produzir postagens de apresentação (objetivo e equipe), Think Olga aborda o mesmo tema de diferentes desdobramentos, a partir de séries, posts com dados, datas comemorativas e eventos são comuns entre os perfis analisados.

Um ponto que se repetiu nos perfis é a exploração de diversas ferramentas da plataforma (*reels*, *feed* e guias), a Bio bem explicada, a separação dos assuntos por guias. Além disso, o formato carrossel é o mais usado para postagens no *feed*, possibilitando conteúdos mais extensos de uma forma mais dinâmica. Dos 4 perfis, apenas 1 (Arquitetas negras) segue uma estética mais evidente com traços africanos com linhas e formas geométricas.

5. O planeamento de conteúdo

5.1 Naming

O processo de escolha do nome para essa marca partiu de um *brainstorming* com palavras-chaves sobre temas relacionados com o conceito do perfil: uma rede para conectar mulheres negras no design.

Figura 27: Brainstorming de palavras



Fonte: Acervo pessoal

Pensamos em nomes que conectam design e mulheres negras de uma forma direta, objetiva e sonoramente agradável. As ideias trouxeram várias possibilidades, como podemos ver abaixo.

Figura 28: Brainstorming do nome



Fonte: Acervo pessoal

O nome que mais se encaixou nos critérios de objetividade e sonoridade foi "**designer+preta**". Representando a soma do design e negritude, através do sinal de "+" entre as palavras e o termo "preta", como sinônimo de negra (mulher de pele escura).

5.2 O perfil

O planejamento geral da rede possui o objetivo de disseminar o conhecimento adquirido nesta pesquisa de forma clara, dinâmica e leve, pois são assuntos sérios e delicados – como racismo e desigualdade de gênero. E principalmente, divulgar referências de mulheres no design. Com base na análise de estratégia, conteúdo e visualidade apresentadas no *benchmarking*, partimos para o planejamento do perfil.

A plataforma do Instagram não permite sinal de adição como nome de usuário, optamos pela forma escrita por extenso apenas para o nome de usuário do perfil: @designermaispreta. Mas para o nome, seguimos com a escrita como o logotipo: **designer+PRETA**.

A foto de perfil e bio são as primeiras informações que o usuário tem contato ao entrar no perfil. A foto de perfil será uma versão colorida do logotipo e para a bio, escolhemos uma frase curta que transmita o intuito da rede "Conectando mulheres negras no design ❤️" com o auxílio de um emoji amigável.

O destaque deverá conter informações principais sobre o projeto, como seu propósito e objetivo. Além de ser uma maneira de fixar alguns *stories* mais importantes no perfil.

As guias são uma maneira de organizar os conteúdos. A seguidora poderá ver as postagens separadas por temas, salvar e compartilhar.

O *Reels* é a ferramenta de vídeo no feed da plataforma e poderá ser usado para futuras lives, contando a história de designers.

A *hashtag* é uma maneira de taggear as postagens por tema. Podemos usá-la para aumentar o alcance e categorizar os posts.

O *feed* será o maior foco do projeto, trabalhando carrosséis de conteúdos no grid do perfil, baseado no planejamento do calendário editorial. Já o *stories* é um conteúdo mais flexível, com duração de 24 horas, usaremos como forma de interação (enquetes e caixa de pergunta para dúvidas) e comunicações rápidas, como (datas comemorativas, avisos e dicas).

5.3 Calendário editorial

As editoriais são possibilidades para guiar os temas principais do perfil. Os conteúdos do *feed* foram divididos em 5 editoriais, enquanto os *stories* em 3 editoriais. Iniciamos o estudo do conteúdo para o mês de outubro de 2023, porque é um mês simbólico. No dia 10 de outubro é o dia nacional de luta contra a violência à mulher, sendo um dia de debates sobre o assunto desde 1980, ano em que foi criado.

Editoriais para o *feed*:

Sobre nós: apresenta o projeto, seu objetivo, quem criou e assuntos sobre o perfil.

Elas fazem história: conta a história de uma designer negra, com um breve resumo sobre sua vida, principais trabalhos e uma citação. É um quadro fixo com uma postagem semanal com o objetivo de divulgar novas designers de referência.

Dados: aborda pesquisas e dados quantitativos sobre mulheres, negritude, design e mercado de trabalho.

Citação: frases de livros ou de encorajamento de grandes mulheres negras.

História/datas marcantes: abordam a histórias ou datas com valor simbólico para a comunidade negra e feminina.

Editoriais para o *storie*:

Fica a dica/interação: divulgar vagas, eventos, documentários e projetos sobre negritude, mulheres e design. Além disso, criar enquetes sobre esses assuntos com o intuito de interagir com as seguidoras.

Dados: Assim como os posts, pesquisas e dados quantitativos sobre mulher, negritude, design e mercado de trabalho.

História/datas marcantes: Assim como os posts, abordam a história ou datas com valor simbólico para a comunidade negra e feminina.

As editoriais **Dados** e **História/datas** marcantes são flexíveis Sendo assim, podem ser temas tanto para o *feed*, se o conteúdo for mais denso e atemporal como para o *storie*, caso o conteúdo seja datado.

Figura 29: Planejamento do conteúdo de outubro

Dom	Seg	Ter	Qua	Qui	Sex	Sab
01	02 + Sobre nós: O projeto (F)	03 + Sobre nós: Fundadora (F)	04 Citação: Angela Davis (F)	05 Elas fazem história inicial (F)	06 Goya (F)	07
08	09	10 Dados: violência (F)	11 Interação: assuntos (S)	12 Hannah (F)	13	14
15	16 Feminismo negro (F)	17	18 Gail (F)	19	20 Fica a dica: doc. (S)	21
22 Dados: designers negros (F)	23	24	25	26 Dorothy E. (F)	27 Fica a dica: afrôbox (S)	28
29	30	31 Citação: Bell Hooks (F)				

Outubro

+ Sobre nós 👤 Citação 👤 Elas fazem história 📊 Dados 👑 História/ datas marcantes 🔄 Fica a dica/Interação F. Feed / S. Storie

Fonte: Acervo pessoal

Em seguida, validamos a harmonia do grid, visualizando os conteúdos distribuídos no *feed*. Separando os editoriais por cores, para que não haja repetição nas laterais, acima e abaixo. Sendo assim, forma um grid colorido, harmônico e flexível para usufruir da ampla paleta de cor do projeto.

Figura 30: Organização dos conteúdos de outubro

<p>🗨️ Citação Bell Hooks</p>	<p>👤 Elas fazem história Designer Dorothy</p>	<p>📊 Dados Designers negros</p>
<p>👤 Elas fazem história Designer Gail</p>	<p>📖 História Feminismo negro</p>	<p>👤 Elas fazem história Designer Hannah</p>
<p>📊 Dados Violência contra à mulher</p>	<p>👤 Elas fazem história Designer Goya</p>	<p>👤 Elas fazem história Apresentação</p>
<p>🗨️ Citação Angela Davis</p>	<p>+ Sobre nós Fundadora</p>	<p>+ Sobre nós O projeto</p>

Fonte: Acervo pessoal

6. O desenvolvimento visual

Agora que já contextualizamos, conhecemos o nome e as editorias, partimos para o design.

6.1 Construção visual da marca

A construção visual da marca partiu do propósito de uma rede acolhedora, responsável por disseminar informação e representatividade. Com isso, partimos para uma paleta de cores ampla, tendo em vista suas possibilidades e uma tipografia com serifas arredondadas, forte e divertida ao mesmo tempo e com significado histórico para a comunidade negra.

Figura 31: Moodboard



Fonte: Acervo pessoal

O *moodboard* contém as referências visuais: a forma como as cores são usadas, um feed colorido, mas ao mesmo tempo harmônico, o uso da tipografia como elemento visual, textura na imagem e hierarquia de informação.

6.2 Paleta cromática

A paleta cromática foi escolhida de uma forma que todas as cores combinassem com o marrom, fugindo do clichê de utilizar apenas preto e tons de marrom para a negritude. Com isso, foram escolhidas cinco cores: marrom claro, marrom escuro, roxo, rosa e azul. Elas formam uma paleta ampla, alegre e ao mesmo tempo sóbria. Foram escolhidos 2 tons diferentes da mesma cor, um mais escuro e outro menos, para haver uma boa legibilidade e contraste entre fundo e texto.

Destacando o aspecto simbólico dos tons de marrom, pois já é uma cor que conversa com a estética negra, o rosa confere potência e feminilidade. O roxo é muito usado em perfis sobre mulheres na tecnologia e também está na paleta cromática de filmes e quadrinhos de personagens negros. E por último, mas não menos importante, o azul é utilizado para criar mais contraste na identidade visual.

Figura 32: Paleta cromática

<p>#3A8B99</p> <p>R 58 C 75% G 139 M 29% B 153 Y 35% K 11%</p>	<p>#A33756</p> <p>R 163 C 28% G 55 M 86% B 89 Y 42% K 24%</p>	<p>#70348B</p> <p>R 112 C 72% G 52 M 92% B 139 Y 07% K 01%</p>	<p>#593D20</p> <p>R 89 C 43% G 61 M 61% B 32 Y 82% K 60%</p>	<p>#A58135</p> <p>R 165 C 30% G 129 M 42% B 53 Y 84% K 22%</p>
<p>#91C9D5</p> <p>R 145 C 48% G 201 M 09% B 2013 Y 19% K 0%</p>	<p>#DD8DA4</p> <p>R 221 C 16% G 141 M 55% B 164 Y 22% K 01%</p>	<p>#B587CA</p> <p>R 181 C 38% G 135 M 55% B 202 Y 0% K 0%</p>	<p>#9F8468</p> <p>R 159 C 32% G 132 M 40% B 104 Y 55% K 22%</p>	<p>#DFC48A</p> <p>R 223 C 16% G 196 M 23% B 138 Y 52% K 03%</p>

Fonte: Acervo pessoal

6.3 Tipografia

A tipografia escolhida para o logotipo é a **Cooper Black**: uma fonte com serifa arredondada, boa legibilidade e com desenho potente e forte. Nas peças gráficas do perfil, ela é usada como fonte principal, em títulos, citações e informações importantes. Além disso, possui significado histórico.

A *Cooper Black* foi desenhada por Oswald Bruce Cooper em 1021. Tipógrafos e donos de fundições da época criticavam a fonte, a chamavam por um apelido pejorativo "The Black Menace" (A ameaça negra) por criar uma densa

massa de tinta preta nos textos. Esse estilo de fonte serifada ficou conhecido como *Fat a face*, caracterizada pelo grande contraste entre suas hastes e por chamar atenção em grandes aplicações.

Na década de 1970 a *Cooper Black* se tornou uma fonte popular dentro da cultura Black. No século XX ganhou mais força ainda, estampando camisas e principalmente na música, nas capas de disco, além de compor a identidade visual da série "Cara gente Branca", da *Netflix*. O *moodboard* inclui alguns exemplos de uso da tipografia.

Figura 33: Tipografia principal

Cooper Black
AaBbCc

Fonte: Acervo pessoal

Para compor o texto corrido das peças gráficas do perfil, foi selecionada a família tipográfica **Montserrat**, uma fonte neutra, com boa legibilidade, harmônica combinada à tipografia principal e que possui diferentes pesos, como *light*, regular, *semi-bold* e *extra-bold*.

Figura 34: Tipografia auxiliar

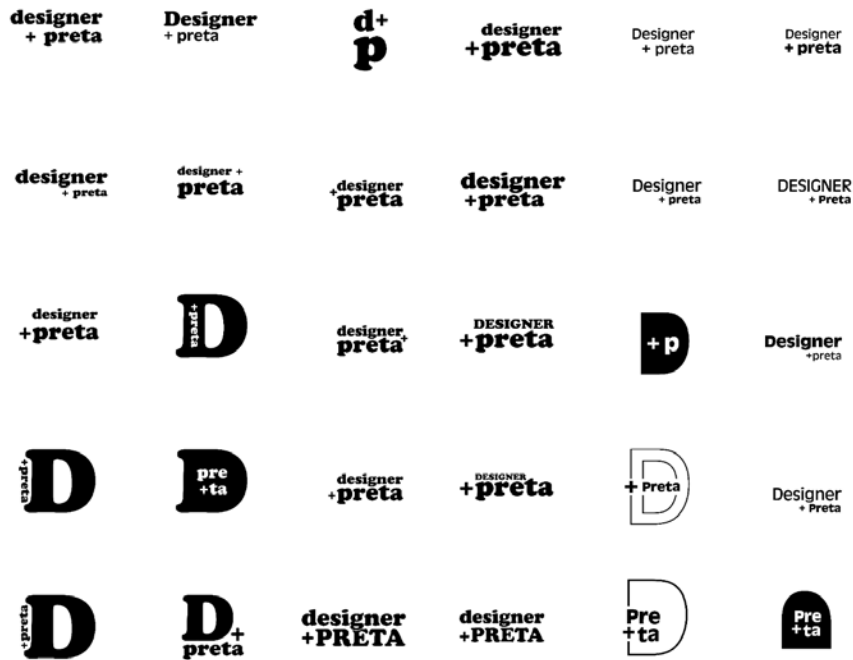
Montserrat
AaBbCc
AaBbCc
AaBbCc

Fonte: Acervo pessoal

6.4 Logotipo

A partir das escolhas acima para o desenvolvimento visual, o objetivo foi criar uma marca tipográfica, simples e forte. Antes de chegar na *Cooper Black*, como tipografia escolhida, realizamos alguns testes com outras tipografias, mas ela se destaca pela sua força, como elemento gráfico e histórico, agregando valor para o conceito da marca.

Figura 35: Testes logotipo



Fonte: Acervo pessoal

Após testar algumas possibilidades, concluímos que a alternativa que se encaixou no nosso objetivo foi "designer" em caixa baixa, destacando "+ PRETA" em caixa alta, com uma curvatura sutil na tipografia original e sem versão vertical. Com isso, "designer" ficou sobreposta à palavra "PRETA" unindo a descendente do "g" com a serifa do "E", evitando os espaços que seriam criados por essa descendente e simbolicamente representando a soma desses dois temas.

Figura 36: Logo do projeto

**designer
+PRETA**

Fonte: Acervo pessoal

Figura 37: Logo aplicada em cor

designer +PRETA

Fonte: Acervo pessoal

Figura 38: Versões coloridas



Fonte: Acervo pessoal

6.5 Identidade visual aplicada

Para auxiliar na visualização da identidade e facilitar a produção de conteúdo do editorial "Elas fazem história", foi criado um template de modelo para todas as postagens desse quadro, modificando as cores, imagens e conteúdo sobre vida e trabalho da designer em questão.

Figura 39: Carrossel Goya Lopes



Fonte: Acervo pessoal

Figura 40: Carrossel Hannah Brachler



Fonte: Acervo pessoal

Figura 41: Carrossel Gail Anderson



Fonte: Acervo pessoal

Figura 42: Carrossel Dorothy E. Hayes



Fonte: Acervo pessoal

Já as outras editorias podem ser mais livres de acordo com o tema, mas seguindo alguns padrões para o feed: o logotipo deve ser posicionado sempre na parte inferior, centralizado ou nas laterais, as peças tipográficas devem possuir moldura com bordas arredondadas e deve-se utilizar imagem duotone, quando

estiver como fundo da postagem para manter o perfil colorido, mas dentro dos padrões da identidade visual proposta.

Figura 43: Postagens únicas



Fonte: Acervo pessoal

Figura 44: Carrossel apresentação da fundadora



Fonte: Acervo pessoal

Figura 45: Carrossel Citação Bell Hooks



Fonte: Acervo pessoal

Figura 46: Carrossel Brasil violento



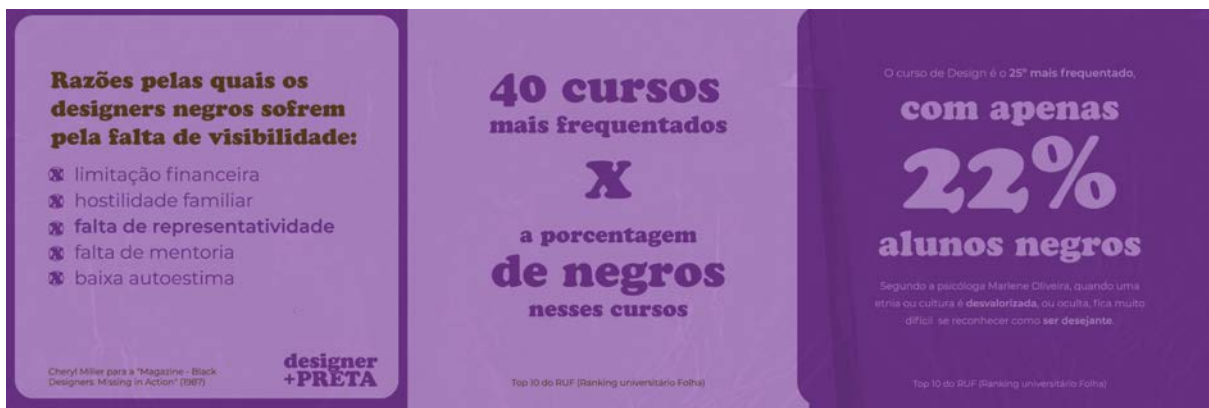
Fonte: Acervo pessoal

Figura 47: Carrossel Feminismo negro



Fonte: Acervo pessoal

Figura 48: Carrossel sobre representatividade



Fonte: Acervo pessoal

Figura 49: Padronagem do feed



Fonte: Acervo pessoal

Figura 50: Stories Fica a Dica



Fonte: Acervo pessoal

Figura 51: Mockup do feed



Fonte: Acervo pessoal

Figura 52: Mockups em bolsa e copo



Fonte: Acervo pessoal

7. Conclusão

É com muita felicidade que chegamos ao final desse Trabalho de Conclusão de Curso. Durante a escolha do tema para o TCC, fiquei confusa sobre qual seguir. Havia apenas uma curiosidade sobre esse assunto. Hoje, sou muito grata por tê-lo escolhido no passado. Construir um projeto sobre mulheres negras no design é muito especial, porque fala um pouco de mim. O conhecimento adquirido é precioso e merece ser espalhado para que outras mulheres tenham seu repertório de referências ampliado.

Pesquisar sobre racismo, desigualdade de gênero e design não foi uma tarefa fácil. Alguns dados não foram agradáveis de serem lidos e a busca por nomes de mulheres negras no design foi minuciosa, pois as informações ficam escondidas nas entrelinhas da internet. O curso livre "Negritude no fio da História do Design", ministrado por Rodrigo Rosm, proporcionou o primeiro contato com alguns dos nomes estudados, usados como ponto de partida. Durante o grupo focal, ouvi relatos de como o racismo estrutural e machismo estão presentes na sociedade como um todo, independente da região do Brasil, seja na universidade pública ou privada. Além disso, no formulário realizado via internet em grupos de design, percebi o quão carentes estamos de referências pretas. A partir disso, foi confirmada a necessidade e relevância dessa pesquisa.

A análise feita no *Benchmarking*, no capítulo 4, foi o ponto de partida para entender como explorar a ferramenta escolhida, criação de conteúdo no calendário editorial e auxiliou nas escolhas seguintes no processo da identidade visual. Em seguida das etapas de pesquisa e desenvolvimento, o estudo visual correu de maneira leve e fluída. Encontrando um nome e identidade visual alinhado com o que vínhamos construindo, fortalecendo e concretizando a nossa ideia. A identidade da marca expressa representatividade, acolhimento e potência.

Concluindo nosso projeto, vemos a oportunidade de dar continuidade a esse trabalho tão importante, tendo como incentivo divulgar nomes e rostos de designers negras. Pretendemos expandir essas referências adicionando outras, como Mona Chalabi (@monachalabi no instagram) e as comunidades Preta Lab (@pretalab_) e Gênero e Número (@generonumero), sugeridas na pré-banca. Nosso principal objetivo, a partir desse momento, é disseminar esse conhecimento para outras mulheres negras do campo do design, criando assim, uma grande rede de apoio. Esperamos que nosso trabalho possa inspirar cada vez mais a divulgação de mulheres negras no design, fortalecendo essa rede criada em designer+PRETA e ampliando a potência e representatividade da mulher preta no campo do design.

8. Bibliografia

ABADE, Laene da Silva. **Estudo sobre o feminismo de Angela Davis e o movimento feminista negro brasileiro**. In: Universidade Estadual de Maringá, 28º Encontro Anual de Iniciação Científica, 8º Encontro Anual de Iniciação Científica Júnior. 28º e 8º, 2019, Maringá. Artigo, Maringá: 2019, 1 – 3.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2015.

Afrofuturismo. Disponível em <<https://afrofuturismo.com.br/inovacao/conheca-hannah-beachler-a-diretora-de-arte-ganhadora-do-oscar-pelo-filme-pantera-negra/>>. Acesso em 27/11/2022, às 14:38.

AIGA Upstate New York. Disponível em <<https://www.facebook.com/106726149227/posts/dorothy-hayes-1935-2015-was-an-nyc-based-graphic-designer-after-moving-there-fro/10158161249279228/>>. Acesso em 27/11/2022, às 17:50.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

Collection of Collections. Disponível em <<https://collectionofcollections.net/insights/2020/7/23/black-designers-to-know-laini-c-heryl-d-miller-dorothy-e-hayes>>. Acesso em 27/11/2022, às 17:30.

Community esri. Disponível em <<https://community.esri.com/t5/conservation-gis/1908-2002-louise-e-jefferson-artist-publisher/ta-p/914970>>. Acesso em 28/12/2022, às 20:39.

COSTA, Karen. **Tracklist**. Disponível em <<https://tracklist.com.br/beyonce-colocou-lemonade-no-spotify-mas-por-que-so-agora/69534>>. Acesso em 28/05/2023, às 10:31.

COX, Darren. **Design week**. Disponível em <<https://www.designweek.co.uk/issues/april-2013/four-corners-an-interview-with-gail-anderson/>>. Acesso em 12/11/2022, às 19:35.

DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

GIBSON, David. **SEGD**. Disponível em <<https://segd.org/2021-segd-fellow-sylvia-harris>>. Acesso em 11/12/2022, às 17:46.

Goya Lopes Design brasileiro. Disponível em <https://goyalopes.com.br/blogs/design_brasileiro>. Acesso em 27/11/2022, às 14:15.

Goya Lopes Design brasileiro. Disponível em <<https://goyalopes.com.br/blogs/designer>>. Acesso em 02/04/2023, às 16:54.

Grandes nomes da propaganda. Disponível em <<https://grandesnomesdapropaganda.com.br/anunciantes/ivete-sangalo-estrela-campanha-para-grendha/>>. Acesso em 27/11/2022, às 15:00.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo.** Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

Lesley University. Disponível em <<https://lesley.edu/about/faculty-staff-directory/cheryl-d-miller>>. Acesso em 28/12/2022, às 10:49.

Medium Instituto Hob. Disponível em <<https://medium.com/institutohub/mulheres-em-steam-cheryl-d-miller-e-os-negros-no-design-9571417f5242>>. Acesso em 28/12/2022, às 20:45.

MENDONÇA, Heloísa. **El País.** Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/11/12/politica/1573581512_623918.html>. Acesso em 19/02/2023, às 10:47.

MORAIS, Yasmin. **O Que é o Feminismo Negro?**. Medium, 2019. Disponível em <<https://medium.com/qg-feminista/feminismo-negro-uma-breve-hist%C3%B3ria-85469d357215>>. Acesso em 24/04/2023, às 19:00.

NERI, Nátaly. **Negritudes brasileiras.** Disponível em <<https://youtu.be/SMIRaztcAwQ>>. Acesso em 18/02/2023, às 11:00.

Nossa Causa. Disponível em <https://nossacausa.com/conquistas-do-feminismo-no-brasil/?gclid=Cj0KCQiArsefBhCbARIsAP98hXQUZAJMaWajC7a5psl8FwQjo3RrBib6Cuagz5KHleLsTGU5ele9bUYaAmCUEALw_wcB>. Acesso em 17/04/2023, às 19:26.

PINHEIRO, Ana Carolina. **Representatividade negra na mídia: estamos evoluindo ou andando para trás?**. Capricho Abril, 2018. Disponível em <<https://capricho.abril.com.br/comportamento/representatividade-negra-na-midia-estamos-evoluindo-ou-andando-para-tras>>. Acesso em 25/05/2023, às 06:26.

Print. Disponível em

<<https://www.printmag.com/design-inspiration/from-black-designers-missing-in-action-to-forward-in-action-3-essential-industry-articles/>>. Acesso em 01/02/2023, às 20:22.

RIBEIRO, Guilherme. **Design week.** Disponível em

<<https://brasil.uxdesign.cc/um-pecado-de-omiss%C3%A3o-desequil%C3%ADbrio-imoral-c354bf4ee0c3>>. Acesso em 12/11/2022, às 19:35.

RONCOLATO, Murilo. **edUSP.** Disponível em:

<<https://www.edusp.com.br/mais/a-tela-a-redencao-de-cam-e-a-tese-do-branqueamento-no-brasil/>>. Acesso em 18/02/2023, às 12:21.

RUFFINS, Reynold. **Digital Commons @ Risd.** Disponível em

<<https://digitalcommons.risd.edu/risdposters/203/>>. Acesso em 27/11/2022, às 17:28.

SANTANA, Francymary Da Silva. **O feminismo e a escrita da mulher negra.** Anais do X CONGRESSO INTERNACIONAL DE LÍNGUAS E LITERATURA. Campina Grande: Realize Editora, 2021. Disponível em:

<<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/75810>>. Acesso em 24/04/2023, às 20:30.

SANTOS, Isadora. **Linkedin.** Disponível em

<<https://www.linkedin.com/pulse/e-pretas-do-design-isadora-santos/?originalSubdomain=pt#>>. Acesso em 24/11/2022, às 21:01.

SILVA, Silvana B. G. **Feminismo negro no Brasil: história, pautas e conquistas.** Politize, 2019. Disponível em

<<https://www.politize.com.br/feminismo-negro-no-brasil/>>. Acesso em 24/04/2023, às 19:20.

Smith Design. Disponível em

<<https://smithdesign.com/blog/women-in-design-gail-anderson/>>. Acesso em 12/12/2022, às 19:59.

Today's Birmingham Metropolitan Area Obituaries. Disponível em

<<https://obits.al.com/us/obituaries/mobile/name/dorothy-hayes-obituary?id=10688781>>. Acesso em 27/11/2022, às 17:34.

Veja. Disponível em

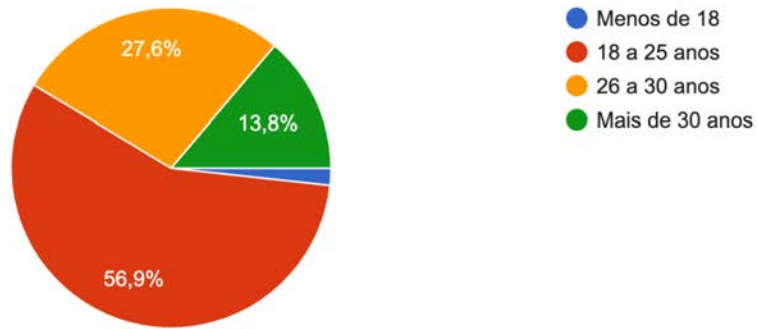
<<https://veja.abril.com.br/cultura/hannah-beachler-se-torna-primeira-negra-a-ganhar-oscar-de-direcao-de-arte/>>. Acesso em 28/05/2023, às 10:35.

Anexo

Questionário: Nomes no design

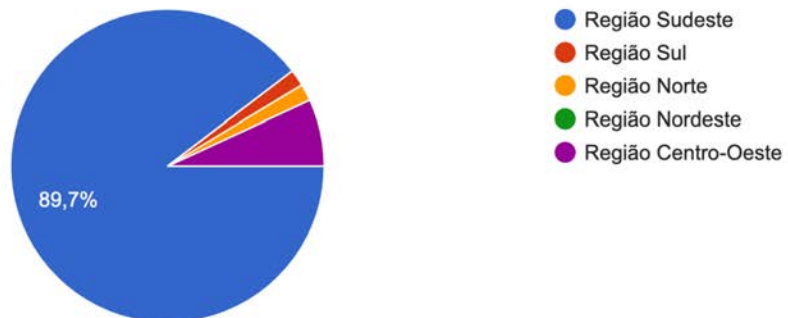
Qual é a sua idade?

58 respostas



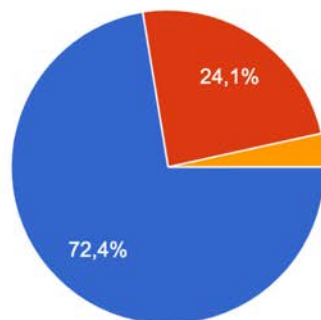
Onde você mora?

58 respostas



Qual é o seu gênero?

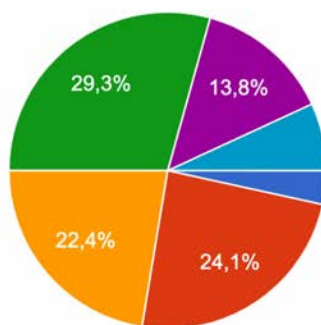
58 respostas



- Feminino
- Masculino
- Não-binário

Qual é a sua renda familiar?

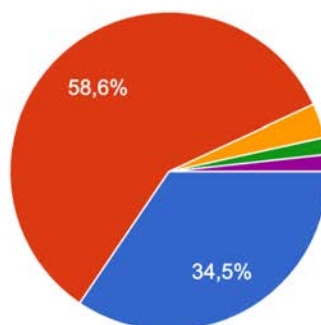
58 respostas



- Até R\$1.100
- Entre R\$1.100 e R\$3.300
- Entre R\$3.300 e R\$5.500
- Entre R\$5.500 e R\$10.000
- Mais de R\$10.000
- Prefiro não responder

Você se considera negro(a)?

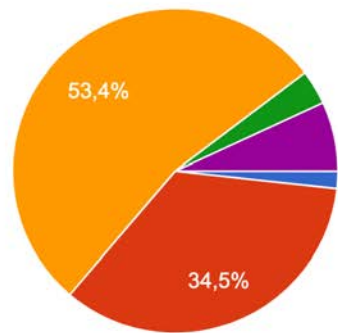
58 respostas



- Sim
- Não
- Pardo
- pardo/ indígena
- Mestiça

Qual é o seu nível de escolaridade?

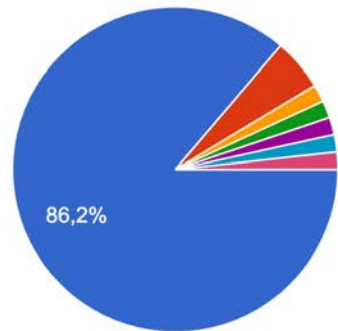
58 respostas



- Ensino médio completo
- Ensino superior completo
- Cursando o ensino superior
- Pós-graduação completa
- Pós-graduação incompleta

Você trabalha ou estuda nesses campos abaixo?

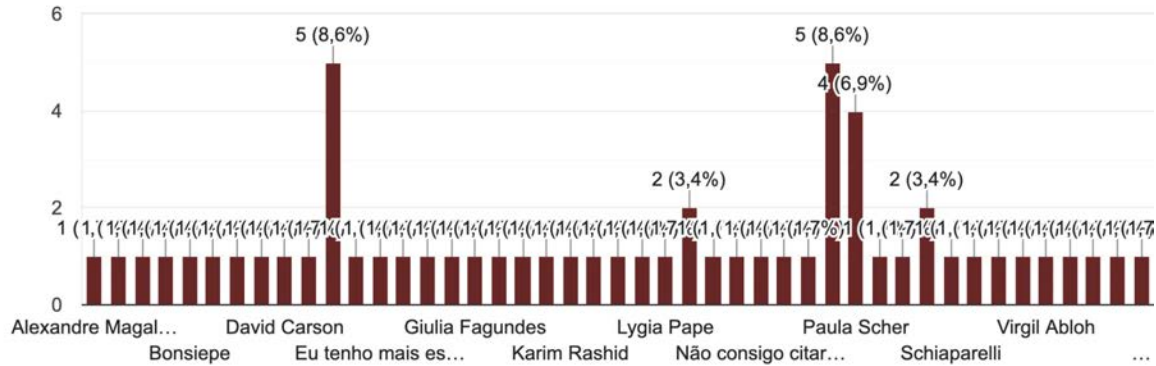
58 respostas



- Campo do design
- Campo da arte
- Design de interiores
- Arquitetura e Design
- Missionário
- Marketing
- Motion Design

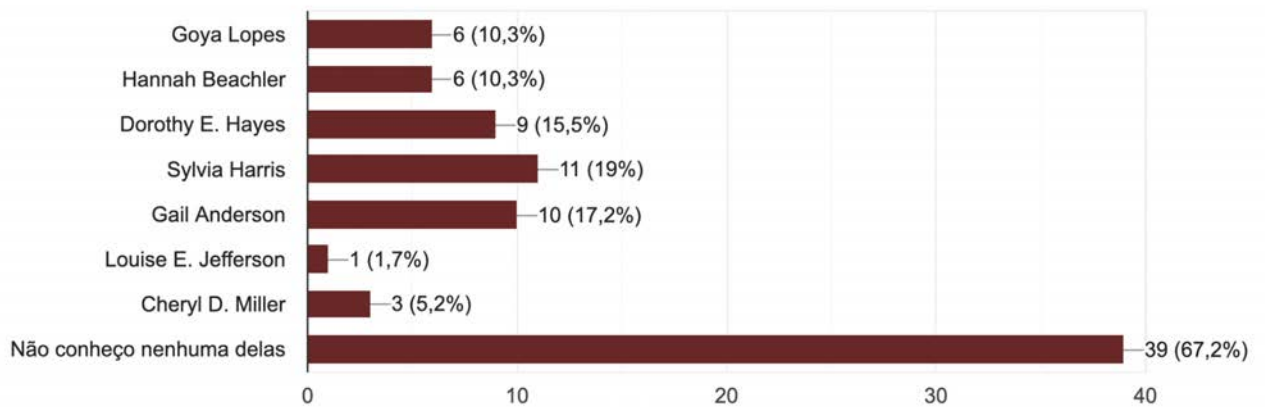
Quando falamos sobre um/uma designer de referência, qual é o primeiro nome que vem na sua mente?

58 respostas



Das mulheres abaixo, quais você conhece ou já ouviu falar?

58 respostas



Caso você conheça alguma das mulheres acima, onde conheceu ou ouviu falar?

18 respostas

Em situações informativas sobre a mulher negra no campo do design

Em uma publicação do Medium, e post sobre o dia da mulher no IG @cvdesign

Não as conheço.

Internet

Pesquisa sobre designers negros

Goya Lopes eu ouvi falar numa palestra sobre estampanaria e a Gail Anderson numa aula de História do Design.

Durante a faculdade. (Obs: na pergunta que fala sobre o nível de escolaridade, eu não consegui escolher a opção "cursando ensino superior" apenas as outras, então escolhi a que mais se aproximava do meu nível escolar)

Das aulas de design na faculdade e citações de textos acadêmicos

Em uma conversa solta e depois eu pesquisei sobre elas.

Não me lembro de onde.

Faculdade

Live da Adg

Indicação literária e cerimônia do Oscar

no curso Negritude e História do Design

Em um curso sobre Nomes Negros no Design

Em um curso sobre negritude e design que fiz fora da faculdade

Conheci o trabalho delas através de uma pesquisa pessoal no período que antecedia meu TCC

Sentiu falta de alguma designer negra nessa lista? Deixe aqui.

8 respostas

- sim
- Não que eu me lembre, sinto que foram poucas as designers mulheres estudadas no curso, ainda mais negras ou queer.
- Eva Sonaíke
- Mariana Rodrigues é um nome atual e que poderia estar sendo citada ainda mais por ser brasileira
- Não lembro mais de nenhum nome que eu conheça
- Lesley Ann Noel
- M. Asali, designer dos Panteras Negras antes de Emory Douglas
- Não

Você conhece coletivos ou perfis que estejam dando ênfase a conteúdos que abordem negritude ou feminismo no campo de design? Qual ou quais? Deixe aqui a sua indicação.

58 respostas

